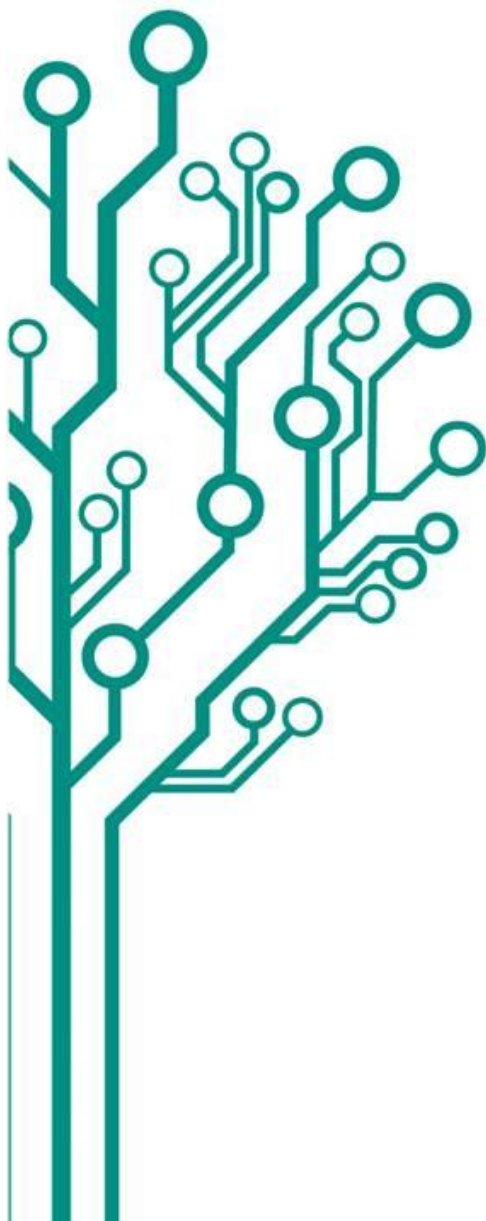


Mestrado Profissional
Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais



**ESTUDO ETNOBOTÂNICO NOS
QUINTAIS DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE MONTE
ALEGRE, CACHOEIRO DE
ITAPEMIRIM, ESPÍRITO SANTO.**

ANDRESSA CATHARINA MENDES CUNHA

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Uso Sustentável de
Recursos Naturais em Regiões Tropicais do
Instituto Tecnológico Vale (ITV).

Orientador(a):
Salim Jordy Filho
Coorientador (a):
Maria Cristina Maneschy Ph. D.

Belém-PA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do ITV – Belém-PA

C972e

Cunha, Andressa Catharina Mendes

Estudo etnobotânico nos quintais da comunidade quilombola de Monte Alegre, Cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo / Andressa Catharina Mendes Cunha. -- Belém-PA, 2015.

73 f.: il.

Dissertação (mestrado) -- Instituto Tecnológico Vale, 2015.

Orientador: Salim Jordy Filho

Coorientador(a): Profa. Maria Cristina Maneschy

1. Etnoespécies. 2. Mata Atlântica. 3. Povos tradicionais. Título.

CDD 23. ed. 581.630981

ANDRESSA CATHARINA MENDES CUNHA

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO NOS QUINTAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
MONTE ALGRE, CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM, ESPÍRITO SANTO.**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Ciências
Ambientais e Desenvolvimento Sustentável do
Programa de Mestrado Profissional em Uso
Sustentável de Recursos Naturais em Regiões
Tropicais do Instituto Tecnológico Vale (ITV).

Data da aprovação:

Banca examinadora:

Salim Jordy Filho

Orientador – Instituto Tecnológico Vale (ITV DS)

Dr. Everaldo Barreiros de Souza

Membro interno – Instituto Tecnológico Vale (ITV DS)

Dra. Márlia Regina Coelho-Ferreira

Membro externo – Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a
Deus que me proporcionou a oportunidade de realizá-lo e a todas as pessoas com
as quais convivi durante o mestrado, sejam elas do meio acadêmico ou não.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado a oportunidade de chegar até aqui e por ter me sustentado durante todo o período do mestrado, por ter me escolhido e capacitado para esse trabalho e por não ter me permitido desistir, mesmo que minha fé tenha fraquejado tantas vezes. Agradeço por Ele ter usado pessoas com palavras, exemplos, conselhos e presença para que assim eu conseguisse superar todas as etapas.

Agradeço aos meus pais, Alciléa e Carlos, por terem colocado no meu peito a capacidade de sonhar e na minha mente a consciência do quanto é importante realizar! Sim, o mestrado era um sonho que agora se configura realidade. Agradeço ainda a meus pais, pelo exemplo de luta, coragem e determinação que representam para mim e por todo amor e carinho incondicionais. Eles foram os primeiros informantes etnobotânicos na minha vida, me ensinaram a amar e respeitar a natureza e me mostraram o valor de um “cházim quente” para aliviar e curar diversas enfermidades.

Agradeço à minha irmã, Bárbara, por ser uma companheira incondicional, por ter me sustentado com seu amor e orações durante toda a vida.

Agradeço ao meu noivo Paulo, também pelo companheirismo incondicional, pelas orações e novenas e por ter me sustentado com seu amor, respeito, carinho e admiração. Pela paciência e cuidado comigo, por ter me ajudado com ideias, lendo meu trabalho, avaliando minhas suposições, sugerindo, corrigindo e melhorando cada detalhe, coisa de Doutor apaixonado pela arte de plantar.

Agradeço a tia Nati, por todo carinho, apoio, conselhos e companhia (mesmo que de longe), por ter me apoiado tanto durante esse período e também me ajudado com correções e ideias.

Agradeço aos meus tios Evaldo e Janaína, por terem me acolhido e me adotado durante parte do mestrado, me dado um lar e estabilidade para que eu pudesse concluir esse trabalho, e por durante esse tempo terem me passado lições preciosas, mesmo sem saber.

Agradeço aos meus primos, Arthur e Estevam, por terem tornado mais alegres meus dias de escrita, me trazendo pequenas alegrias em forma de desenho, rimas engraçadas, montagens de lego ou histórias legais que aconteceram na escola.

Agradeço a minha família e amigos, por todas as vibrações positivas, orações e por compreenderem minha ausência em alguns momentos.

Agradeço ao Deni e sua família linda, que me receberam de braços abertos em Belém, e que me proporcionaram uma hospedagem maravilhosa durante meus períodos de aula.

Agradeço ao programa de mestrado em Ciências Ambientais e Sustentabilidade do Instituto Tecnológico Vale, direção, coordenação e professores, por todo o suporte e excelência durante o curso. Agradeço às secretárias, as moças da recepção, às tias da limpeza e demais funcionários que proporcionaram um ambiente extremamente agradável durante o período das aulas. Agradeço a todos os colegas da turma, que de maneira muito especial também contribuíram para meu crescimento acadêmico.

Agradeço aos meus orientadores Salim e Cristina, por toda confiança e apoio durante esse período, pelas ricas contribuições com ideias e correções no trabalho.

Agradeço à FAPESPA – Fundação Amazônica Paraense de Amparo à Pesquisa, por ter financiado parcialmente essa pesquisa através do Edital 001/2014 que me concedeu bolsa de estudos gerenciada pelo ITV – Instituto Tecnológico Vale. Esse apoio foi essencial para continuidade e conclusão do trabalho.

Agradeço a todos os moradores da comunidade quilombola de Monte Alegre, em especial Leonardo Ventura que abriu as portas da comunidade para mim, Dona Vina e toda sua família que me receberam e hospedaram em sua casa de maneira tão carinhosa e ao garotinho Yuri, que me acompanhou durante as visitas nas casas e quintais da comunidade.

Agradeço ao João Paulo, especialista que me ajudou com tanta boa vontade na identificação das plantas.

RESUMO

O presente trabalho foi realizado na comunidade quilombola de Monte Alegre, área rural do município de Cachoeiro de Itapemirim no estado do Espírito Santo. Objetivou-se, com o trabalho, investigar o conhecimento tradicional sobre as plantas dos quintais da comunidade através das seguintes perguntas: Quais são as plantas úteis? Qual a utilidade dessas espécies e qual parte vegetal é a mais utilizada? Quais categorias de uso de plantas são mais importantes para a comunidade? Quantas espécies são nativas da Mata Atlântica? Essas questões objetivaram registrar e classificar a diversidade de espécies consideradas úteis pelos locais, conforme o grau de importância e utilidade para eles. Cabe ressaltar que o estudo toma como hipótese que os quilombolas classificam as plantas conforme a utilidade que lhes atribuem. Os dados foram coletados entre abril e junho de 2014 através de entrevistas com a aplicação de questionários semiestruturados com informantes de ambos os gêneros e idade entre 25 e 81 anos. Foram entrevistados representantes de 24% das famílias da comunidade, selecionados através da técnica da “Bola de Neve”. Para obter a relação de espécies consideradas úteis nos quintais foi utilizada a técnica da listagem livre (freelist). A referida listagem livre foi usada para calcular o Índice de Saliência Cultural (IS) de cada espécie, gerado através do software Visual Anthropac-Freelists 4.0. O Valor de Uso (VU) de cada espécie foi obtido através da razão entre o somatório do número de usos mencionados por cada informante para a espécie e o número total de informantes. Através de dados de similaridade obtidos a partir dos itens citados na listagem livre, utilizou-se a técnica do empilhamento com as 20 plantas de maior IS. A técnica objetivou testar a hipótese de que os quilombolas de Monte Alegre classificam as plantas de acordo com sua utilidade. Os resultados obtidos no empilhamento foram avaliados por meio da Análise de Escalonamento Multidimensional (MDS). Foram identificadas 128 espécies, pertencentes a 51 famílias, das quais 19.53% são nativas da Mata Atlântica; 10.93% são nativas de outros biomas, 67.18% originam-se de outros países (exóticas) e 2.34% não puderam ser classificadas quanto à origem. As famílias mais representativas são: Lamiaceae, Asteraceae e Rutaceae com 12, 11 e 07 espécies, respectivamente. As espécies foram classificadas nas seguintes categorias de uso: Alimentar, Medicinal, Ritualística, Higiene, e Sombra com 43, 42, 5, 2 e 1 espécies respectivamente. Algumas espécies (36) se enquadraram em mais

de uma categoria. As partes mais citadas na utilização foram: Fruto (309 citações), Folha (217 citações) e Raiz (38 citações). As plantas são utilizadas principalmente: *In natura*, sob forma de chá e suco, com 308, 163 e 114 citações para essas formas de utilização. Uma mesma espécie teve mais de uma parte e uso mencionados. As espécies com maior IS foram *Mangifera indica* L. (0,483), *Musa* sp. L. (0,427) e *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (0,384). As que apresentaram maior VU foram *Mangifera indica* L. (1,677), *Psidium guajava* L (1,258), e *Musa* sp. L (1, 225). A MDS confirmou que a comunidade classifica as plantas de acordo com seus usos, visto que a maioria dos informantes as agrupou de maneira semelhante. A comunidade quilombola estudada detêm grande variedade de plantas em seus quintais empregadas em usos diversos. Isso contribui para a conservação das espécies nativas ao evitar o extrativismo nos remanescentes florestais onde estão inseridos.

Palavras-chave: Etnoespécies. Mata Atlântica. Povos tradicionais.

ABSTRACT

The present study was held in a “Quilombola” community in Monte Alegre, a rural area located in the municipality of Cachoeiro de Itaperirim in the state of Espírito Santo. The objective of the study was to investigate traditional knowledge on plants of the community’s yard based on the following questions: Which ones are useful? What is the use of these species and which plant part is most used? Which plant use categories are most important? Which species are native to the Atlantic Forest? These questions aimed to register and classify the diverse species considered helpful by population, according to the degree of importance and usefulness to them. It is noteworthy that the study has as a hypothesis that the “quilombolas” classify the plants depending on their utility. Data was collected between April and June 2014 through interviews using an application with semi-structured questionnaires with respondents of both genders between the age of 25 and 81 years old. Twenty-four percent of families in the community were interviewed, selected through a technique called Snowball (*Bola de Neve*). To obtain a list of species considered useful in the yards was used a free listing technique (freelist), the free list was used to calculate the Cultural Salience Index (IS) of each species, generated through a Visual Anthropac-Freelists 4.0 software. The Use Vale (UV) in each specie was obtained through a ratio by the sum number of uses mentioned by each informant for the specie and the total number of informants. Through the similarity data obtained from the items mentioned in the free list, a stacking technique was used with 20 plants with the highest IS. The technique aimed to test the hypothesis that the “quilombolas” of Monte Alegre classify plants according to their utility. The results obtained in the stacking technique were evaluated through a Multidimensional Scaling Analysis (MDS). 128 species were identified belonging to 51 families, of which 20% are native to the Atlantic Forest, 11.2% are native to other biomes, 68.8% originate from other countries (exotic) and 2.34% could no be classified according to their own origin. The most representative families are: Lamiaceae, Asteraceae and Rutaceae with 12, 11 and 7 species, respectively. The species were classified in the following categories of use: Food, Medicine, Ritualistic, Hygiene and Shadow with 43, 42, 5, 2 and 1 species, respectively. Some species (36) fit in more than one category. The parts that were most mentioned in usage were: Fruit (309 citations), Leaf (217 citations) and Root (38 citations). The plants were used mainly: In nature, in a form of tea or

juice, with 308, 163 and 114 citations for these forms of usage. The same specie had more than one part and usage mentioned above. The species with the highest IS were: *Mangifera indica* L. (0.483), *Musa* sp. L (0.427) and *Citrus sinensis* (L.) Osbeck (0.384). Those that presented the highest UV were: *Mangifera indica* L. (1.677), *Psidium guajava* L (1.258) and *Musa* sp. L (1.225). The MDS confirmed that the community classifies their plants according to their use, since majority of their informants group them in a similar way. The “quilombola” community studied has a great variety of plants in their yard used in diverse ways. This contributed to conserve native species by avoiding extracting remaining forests where they live.

Keywords: Ethnospecies. Atlantic Forest. Traditional people.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da localização da área de estudo, comunidade quilombola de Monte Alegre e o micro corredor ecológico Burarama-Pacotuba-Cafundó. Fonte: Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA).	26
Figura 2: Principais formas de obtenção de renda na comunidade quilombola de Monte Alegre.	32
Figura 3: Principais formas de obtenção e transmissão do conhecimento etnobotânico na comunidade quilombola de Monte Alegre.	33
Figura 4: Distribuição dos quilombolas entrevistados na comunidade Monte Alegre por classe etária, gênero e número médio de espécies citadas em cada classe.	34
Figura 5: Principais vantagens em se cultivar nos quintais, segundo os quilombolas de Monte Alegre.	36
Figura 6: Origem das plantas citadas pelos habitantes de Monte Alegre e sua distribuição quanto a finalidade comercial.	43
Figura 7: Número de espécies por categoria e espécies exclusivas por categoria de uso, da comunidade quilombola de Monte Alegre.	45
Figura 8: Famílias com maior número de espécies citadas como úteis pela comunidade de Monte Alegre e a distribuição dessas espécies conforme as respectivas categorias de uso.	48
Figura 9: As partes vegetais mais utilizadas pelos quilombolas de Monte Alegre	50
Figura 10: Os diversos usos mencionados para as plantas cultivadas nos quintais de Monte Alegre e os números de citação para cada forma de uso.	51
Figura 11: Escalonamento Multidimensional (MDS), resultante da técnica do empilhamento realizada com os quilombolas, representa visualmente como agrupam os vegetais que cultivam. Stress nas duas dimensões: 0,11.	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados socioeconômicos dos entrevistados na comunidade quilombola de Mont. **30**

Tabela 2: Medidas dos quintais das famílias entrevistadas, de acordo com os informantes.
..... **355**

Tabela 3: Relação de plantas obtidas através das listagens livres na comunidade quilombola de Monte Alegre, com seus respectivos Índices de Saliência (IS) e Valores de Uso (VU), bem como as categorias de uso e classificação quanto à origem. Categorias de Uso: A: Alimentar; M: Medicinal; R: Rituística; S: Sombra e HE: Higiene/Estética. Quando houver a separação de duas letras por um hífen (-), significa que a planta acumula duas categorias de uso. Origem: N: Nativa (Ocorre naturalmente no bioma onde está inserida a área de estudo), A: Alóctone (Originária de outros biomas, E: Exótica (Originária de outros países), XX: Não foi identificada a origem. **377**

Tabela 4: Ranques das 20 plantas mais importantes de acordo com (IS) Saliência Cultural, e das 20 plantas mais importantes de acordo com (VU) Valor de Uso. A cor verde significa que a planta permaneceu na mesma posição em relação à primeira listagem, a cor amarela significa que a planta alterou apenas uma posição com relação à primeira listagem, a cor vermelha significa que alterou 2 ou mais posições com relação à primeira listagem e a ausência de coloração significa que a planta não apareceu na primeira listagem entre as 20 plantas de maior valor segundo o Índice de Saliência Cultural.....Erro! Indicador não definido.**3**

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Etnotaxonomia das espécies encontradas nos quintais de Monte Alegre, baseada em características e utilidade das plantas. **433**

Quadro 2: Observações relacionadas à categoria ornamental, feita por alguns quilombolas de Monte Alegre ao serem indagados sobre a importância de cultivar plantas nos quintais. **477**

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

°C	Grau Celcius
APA	Área de proteção ambiental
FEM	Feminino
Flona	Floresta Nacional
ha	Hectare
IEMA	Instituto Estadual de Meio Ambiente
IS	Índice de Saliência Cultural
Km	Quilômetro
Km ²	Quilômetro quadrado
MASC	Masculino
MDS	Escalonamento Multidimensional
mm	Mílimetros
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
UCE	Unidade de Coordenação Estadual
VU	Valor de Uso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Objetivos	17
1.2 Hipóteses	17
2 REFERENCIAL TEÓRICO E FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA	18
2.1 Biodiversidade, Mata Atlântica e o Corredor Burarama-Pacotuba-Cafundó	18
2.2 Etnobotânica	20
3 MATERIAL E MÉTODOS	25
3.1 Caracterização da área de estudo	25
3.2 Coleta e processamento de informações enobotânicas	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1 Aspectos gerais envolvendo as famílias entrevistadas e os quintais	30
4.1.1 Aspectos socioeconômicos	30
4.1.2 Formas de obtenção do conhecimento	32
4.2 Os quintais de Monte Alegre, os informantes e as plantas citadas	33
4.2.1 As espécies vegetais encontradas em Monte Alegre	36
4.3 Valores de importância das plantas na comunidade de Monte Alegre	51
4.4 Técnica do empilhamento e escalonamento multidimensional	53
5 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS	Erro! Indicador não definido.
APÊNDICES	66

1 INTRODUÇÃO

O Bioma Mata Atlântica é um *Hotspot* mundial, o que significa estar entre as áreas mais ricas em biodiversidade do planeta, entretanto está também entre as mais ameaçadas. Atualmente, dos remanescentes florestais acima de 100 hectares restam apenas 8,5% (oito e meio por cento) do que existiu originalmente (FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA, 2015).

O termo biodiversidade enquanto conceito teve origem no âmbito da biologia da conservação. Os povos e comunidades tradicionais estão diretamente relacionados com a conservação do ambiente onde vivem, geralmente esse território apresenta alta diversidade tanto biológica quanto cultural (TOLEDO, 2001).

Habitantes de determinada região, num aspecto geral, são muito próximos com o ambiente que os rodeia. A necessidade de conhecer o meio e utilizar de seus recursos para as mais variadas finalidades é uma das explicações para essa proximidade. O conhecimento sobre o ambiente é alto nessas populações (AMOROZO, 2002).

Dentre as várias comunidades tradicionais no estado do Espírito Santo, observa-se remanescentes de quilombos, definidas por Queiroz (1997) como “toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado”.

Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra, fato esse que, por si só indica sua sustentabilidade (AMARAL; GUARIM NETO, 2008). No Brasil, quintal é o termo utilizado para se referir ao terreno situado em volta da residência, de acesso fácil cujo espaço é utilizado para o cultivo de variadas espécies que fornecem alimento e demais produtos à família tais quais lenha e plantas medicinais (BRITO; COELHO, 2000). Os quintais apresentam uma organização complexa e cada planta possui sua função e lugar (SCHIMITT, 2003).

Na abordagem do cultivo de plantas em quintais por comunidades quilombolas, a etnobotânica - definida por Ford (1978 a) como o “estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e plantas” abrange o estudo das relações estabelecidas entre sociedades humanas e natureza. (ALCORN, 1995; ALEXIADES & SHELDON, 1996) pode ser abordada como ferramenta de estudo estratégica, pois

ao relacionar os traços culturais de um povo, com seus hábitos de cultivo e manejo vegetal pode embasar propostas para preservação da biodiversidade (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004), além de valorizar o traço cultural e sabedoria popular presentes nessa comunidade.

Por apresentar caráter interdisciplinar e integrador retratados na diversidade de temas que pode estudar e por aliar fatores ambientais e culturais com os conceitos desenvolvidos sobre as plantas e seus aproveitamentos pelas diversas comunidades (ALCORN, 1995; ALBUQUERQUE, 2005) atribui-se a origem da etnobotânica aos primeiros contatos da espécie humana com o Reino Vegetal (SCHULTES & REIS, 1995).

Conhecer as espécies cultivadas nos quintais, a forma de manejo, importância e usos destas para a comunidade quilombola de Monte Alegre, pode incentivar mais trabalhos nesse sentido tanto no estado do Espírito Santo que abriga corredores ecológicos em áreas prioritárias para conservação da Mata Atlântica - a comunidade estudada está inserida em um desses corredores (MMA, 2007) - quanto no restante do país que também apresenta áreas passíveis de preservação e recuperação.

O presente estudo entende que em Monte Alegre, assim como em outras comunidades tradicionais, pode haver uma lógica para o manejo e conservação dos recursos vegetais, que ao longo da existência das comunidades se tornaram essenciais para manutenção das “práticas locais” no manejo dos quintais. Portanto, o registro dessas práticas de uso da flora, abrange não só a identificação das espécies e seus respectivos usos, mas também a valorização do conhecimento tradicional como fonte de informação para futuras pesquisas em variadas áreas.

De acordo com Lima (2010), esse tipo de investigação também é importante por possibilitar comparações entre diferentes áreas de estudo ao facilitar a descoberta de diferentes padrões de uso de uma mesma espécie vegetal, além de contribuir para o entendimento da dinâmica do conhecimento nas comunidades estudadas, o que é fundamental quando se busca a conservação dos recursos vegetais e do conhecimento local.

1.1 Objetivos

Objetivou-se, com esse estudo, investigar o conhecimento tradicional sobre as plantas dos quintais da comunidade quilombola de Monte Alegre.

Os objetivos específicos foram assim definidos:

- a) Realizar levantamento e classificação quanto ao uso e importância das plantas cultivadas nos quintais da comunidade Monte Alegre a partir das respostas das seguintes perguntas: Quais são as plantas úteis? Qual a utilidade dessas espécies e qual parte vegetal é a mais utilizada? Quais categorias de uso de plantas são mais importantes para a comunidade? Quantas espécies são nativas da Mata Atlântica?
- b) Identificar de que modo o cultivo nos quintais em Monte Alegre contribui para a preservação das áreas florestais pertencentes ao Bioma Mata Atlântica que rodeiam a comunidade;

1.2 Hipóteses

- a) Os quilombolas de Monte Alegre classificam as plantas conforme a utilidade que lhes atribuem.
- b) Há um maior conhecimento sobre o uso de plantas entre os quilombolas mais idosos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E FUNDAMENTAÇÃO CIENTÍFICA

2.1 Biodiversidade, Mata Atlântica e o Corredor Burarama-Pacotuba-Cafundó

No atual modelo de desenvolvimento torna-se evidente e inquestionável a importância da biodiversidade e dos recursos naturais para a humanidade. Wilson (1994) conceitua biodiversidade como o complexo resultante das variações das espécies e dos ecossistemas existentes em determinada região.

Dentro do contexto de biodiversidade, as florestas tropicais desempenham um papel de destaque, visto que essas florestas compõem os principais espaços detentores de grande parte da biodiversidade do planeta. De acordo com Myers (1997), a área de florestas tropicais ocupa apenas 7% da superfície do planeta e acredita-se que esta área detenha aproximadamente a metade do total de espécies animais e vegetais existentes (REIS,1992).

No Brasil, a Mata Atlântica é o terceiro maior bioma, em extensão, depois da Amazônia e do Cerrado. Abrangia originalmente 1.227.600 km², que correspondia aproximadamente 16% do território brasileiro, distribuída por 17 Estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí (CONSERVATION INTERNATIONAL DO BRASIL, 2000).

A ocupação desordenada das terras e a exploração dos recursos naturais, nos diversos ciclos econômicos posteriores à colonização, tiveram como consequência uma severa redução da cobertura vegetal original. Esse processo de degradação colocou em risco tanto o patrimônio natural quanto um valioso legado histórico, onde várias comunidades tradicionais que compõem parte importante da identidade cultural do país convivem com os maiores polos industriais e silviculturais do Brasil. Apesar do acentuado processo de intervenção, a Mata Atlântica ainda abriga uma parcela significativa da diversidade biológica, com destaque para os altíssimos níveis de endemismos. (CONSERVATION INTERNATIONAL DO BRASIL, 2000).

O Estado do Espírito Santo, com território de 45.597 km², apresentava na época do descobrimento uma cobertura florestal original de aproximadamente 4.000.000 ha, equivalente a 87 % seu do território, as demais áreas eram ocupadas

por brejos, restingas, mangues, campos de altitude e campos rupestres (Fundação SOS Mata Atlântica; INPE & ISA, 1993). De acordo com a mesma fonte, no ano de 1990 restavam aproximadamente de 402.392 ha de florestas, o que corresponde a 8,34 % da superfície do Estado.

Todo o estado do Espírito Santo está inserido na área definida como Corredor Central da Mata Atlântica. No estado o Projeto é gerenciado pela Unidade de Coordenação Estadual (UCE-ES), sediada no Instituto Estadual de Meio Ambiente (IEMA). O Projeto é executado por órgãos do Governo Federal e Estadual, sob a supervisão do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera. Dentre as principais atividades da UCE-ES destaca-se a “Implementação de Dez Corredores Ecológicos Demonstrativos”, cujo objetivo é fortalecer, expandir e conectar áreas protegidas do bioma e incentivar usos de baixo impacto, como o manejo florestal e a produção agroecológica nas paisagens circundantes (ICMBIO, 2011).

Neste contexto, o corredor “Burarama-Pacotuba-Cafundó” foi o primeiro a ser definido e também o primeiro a iniciar o processo de implantação, em 2004. Possui cerca de 7.800 hectares e duas unidades de conservação, a Floresta Nacional (Flona) de Pacotuba e a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Cafundó (ICMBIO, 2011), sendo que a comunidade quilombola de Monte Alegre está situada entre essas duas unidades de conservação.

De acordo com MMA (2007) a região da Flona Pacotuba-Cafundó é de “Extrema alta importância para a biodiversidade” com “prioridade de ação extremamente alta”.

Segundo Lima (2010), o planejamento para uso e manejo sustentável dos ecossistemas de uma determinada região, pressupõe a existência de “políticas públicas e metas de conservação” que não podem ser definidas e concretizadas se não houver um conhecimento da realidade local e das inter-relações existentes entre fatores de ordem, social, econômica, política e ambiental. Desse modo, o sucesso no alcance de metas na preservação e recuperação ambiental depende entre outros fatores de informações provenientes de pesquisas socioambientais e etnodirigidas.

2.2 Etnobotânica

No decorrer de milênios a humanidade aperfeiçoou seus conhecimentos de maneira empírica, e com isso melhorou sua alimentação, tratou de suas enfermidades e estabeleceu uma inter-relação entre o uso botânico e sua evolução (LOPES et al., 2008). As plantas, principalmente, para alimentação e fins medicinais, sempre estiveram presentes na história da humanidade, muito antes do homem se organizar social e culturalmente (ALMEIDA *et al.*, 2002).

Ao surgirem as sociedades, surgem também as regras, conceitos e símbolos que passaram a integrar organização social destas e a atuação social de seus indivíduos, desde a esfera individual à esfera coletiva (DIEGUES & ARRUDA, 2001). Dessa maneira a relação homem/ambiente, deixa de ser apenas essencialmente com fins de sobrevivência e passa a ser uma das vertentes de sua organização social, e até mesmo de sua cultura, definida como uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade (SANTOS, LIMA, FERREIRA, 2008).

Traços culturais dos saberes transmitidos pelos antepassados, nível de contato com outros grupos sociais, localização geográfica e aspectos socioeconômicos, tem elevada importância na maneira que as populações percebem e utilizam os recursos naturais, assim como na incorporação de novas informações e técnicas. O desenvolvimento de estudos descritivos junto às populações tradicionais é necessário, indispensável e urgente, uma vez que essas populações tendem a se modernizar, e com isso perdem grande parte de seu conhecimento sobre o ambiente (POSEY, 1987).

O termo etnobotânica foi citado pela primeira vez em 1895, por Harshberger e foi definido como o estudo do uso das plantas por povos primitivos. Aristóteles já citava o uso de espécies vegetais, assim como a ocorrência de estudos sobre plantas úteis para populações humanas na Europa e na Ásia, contudo foram os colonizadores das Américas que descreveram de maneira detalhada a utilização de plantas por povos nativos. Desse modo a origem da etnobotânica, como é interpretada atualmente, se funde ao descobrimento do Novo Mundo (FORD, 1978 b).

Aproximadamente na década de 1950, antropólogos interessados pela etnobotânica abriram espaço para debates sobre a representatividade, importância e

significado das plantas para as pessoas, assim como sobre o papel das plantas em diferentes culturas (FORD, 1978 b). Neste período a etnobotânica, e as demais linhas de pesquisas em etnobiologia, foram agrupadas em uma categoria denominada etnociência, derivada da antropologia cognitiva, e que se baseia no conhecimento sobre a percepção e classificação do mundo por populações nativas (BEGOSSI, 1998).

A partir da publicação “O Pensamento Selvagem” de Lévi-Strauss (1987), que trata do sistema de classificação do mundo natural em comunidades nativas (BEGOSSI, 1998), a etnobiologia passou a obter espaço em algumas áreas de pesquisa no Brasil, a partir daí vários trabalhos em etnobotânica são apresentados, com destaque para a região Amazônica (FORD, 1978 b).

Etnobotânica é o estudo das relações entre pessoas e plantas, nas dimensões botânica, ecológica e antropológica (GOMEZ-BELOZ, 2002). Nesse contexto desenvolve-se o estudo de povos e seus costumes, com suas interações ecológicas e simbólicas com as plantas que utilizam (ALEXIADES, 1996). Registrar o uso de espécies vegetais em diferentes culturas enriquece o conhecimento da biodiversidade local, enquanto ambiente e espaço cultural, o que pode subsidiar trabalhos sobre o uso sustentável dos recursos naturais (FONSECA-KRUEL & PEIXOTO, 2004).

O acúmulo do conhecimento proveniente dos estudos etnobotânicos possibilita, em conjunto com outros fatores, reconhecer e preservar plantas importantes em seus respectivos ecossistemas, e fomentar programas para a preservação dos recursos naturais nos ecossistemas tropicais (ALBUQUERQUE, 1997).

As populações nativas, assim como o ambiente onde habitam sofrem vários tipos de pressão e, portanto, o conhecimento produzido por essas populações ao longo de décadas ou até mesmo séculos deve ser investigado, recuperado e registrado com urgência, visto que, devido a essas pressões, corre o risco de desaparecer. (PRANCE, 1987; POSEY, 1987). Pesquisadores de todo o mundo, na área de etnobotânica têm feito o registro de plantas, seus usos por populações humanas e suas diversas formas de uso. Esse procedimento possibilita o avanço de pesquisas aplicadas a diversas áreas (biologia, antropologia, sociologia, medicina e farmacologia), visto que fornece a matéria-prima aos pesquisadores de áreas afins e as informações necessárias para diversos tipos de estudos (SANTOS *et al.*, 2008).

Nesta ótica, reconhecer a importância das relações entre o ser humano e o meio natural significa um avanço cognitivo, no qual a ciência auxilia na proteção da biodiversidade enquanto patrimônio natural e cultural de um povo. É notável que tem sido dado grande destaque para a conservação de recursos vegetais tropicais, e os estudos etnodirigidos podem contribuir fornecendo informações sobre o uso e manejo desses recursos (ALBUQUERQUE, 2005).

Dentre as diversas abordagens dos estudos etnobiológicos, um dos campos mais desenvolvidos é o da etnobotânica, com ênfase para as plantas medicinais (LÉVI-STRAUSS, 1987; PRANCE, 1987; POSEY, 1987). A estreita relação das comunidades tradicionais aos recursos naturais, a simbologia presente em sua estrutura, suas formas de manejo e localização geográfica, muitas vezes isolada representam incentivo para os esforços de conservação e recuperação dos ecossistemas onde essa comunidade está inserida.

Em etnobotânica, as pesquisas com comunidades residentes nas regiões de florestas tropicais, tem evidenciado o objetivo de avaliar os recursos vegetais utilizados e sugerir propostas para seu uso sustentável, como uma das vias de preservação e recuperação desses ecossistemas (SILVA, ANDRADE, 2005). Neste contexto, a abordagem popular do conhecimento etnobotânico, possibilita uma análise que aborda questões naturais, simbólicas e culturais. Para Albuquerque (2005b) o conhecimento botânico presente de diferentes maneiras nas comunidades alia mitos, divindades, espíritos, cantos, danças, ritos, nos quais existe a inter-relação entre natural e o sobrenatural permeando uma única realidade.

O uso popular de plantas no Brasil é muito relevante devido sua ampla diversidade biológica e riqueza étnica e cultural, portanto os estudos etnobiológicos são essenciais, visto que possibilitam o registro do conhecimento tradicional das comunidades envolvidas (GARLET, IRGANG, 2001). Albuquerque (2005b), considera os informantes dos trabalhos etnobiológicos especialistas, por possuírem conhecimentos sobre fenômenos desconhecidos e que busca-se compreender.

A evolução no campo dos estudos etnobiológicos incorporados à ecologia, viabilizam a coleta de informações sobre o manejo nas florestas tropicais aliadas à interessantes descobertas que têm permitido estratégias capazes de suprir as demandas locais de exploração de recursos naturais com a preservação dos remanescentes florestais (PRANCE, 1987; DIEGUES, ARRUDA, 2001).

Desse modo, a etnoecologia visa compreender e estudar as relações entre homem e meio natural nos contextos das comunidades onde vivem, utilização de recursos vegetais, hídricos e madeireiros em variadas atividades medicinais, culinárias, artesanais, agrícolas, dentre outras. (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009).

Trabalhos focados no saber local utilizam-se de alguns dualismos que colaboram com a construção do discurso etnoecológico, são eles: cultural e biológico, pensamento e ação, material e espiritual. Esses trabalhos nos permitem entender a construção do conhecimento local a partir das interferências com o meio ambiente. Muitos estudos que visam a conservação ambiental, em grande parte se dedicam a descrever o conhecimento local. (GUIMARÃES, 2003)

Todo produtor rural necessita desenvolver conhecimentos sobre o meio onde vive, para que ocorra a apropriação de suas naturezas. Esses conhecimentos tem estimado valor para elucidar as diferentes maneiras como os produtores tradicionais percebem os recursos dos quais dependem totalmente ou em parte para sobreviver. A transmissão do saber tradicional se dá pela oralidade e não lança mão da escrita na maioria dos casos conhecidos; ou seja, é um conhecimento ágrafo. Portanto a memória é um recurso de extrema importância na vida desses povos por transmitir informações através do tempo e do espaço. Comunidades tradicionais reúnem uma rede de saberes na esfera ecológica que geralmente são locais, coletivos, dinâmicos e holísticos (TOLEDO, 2002).

Essa representação cognitiva sobre o meio natural no qual uma comunidade está inserida é, além disso, passada de geração a geração. O conteúdo de apenas uma mente tradicional, ou seja, um informante, revela um arsenal de saberes que projetados no tempo e no espaço representam a realidade personalizada de uma bagagem cultural que, pode ser projetada na coletividade à qual o determinado informante pertence: o núcleo ou unidade familiar, a comunidade rural, o território e, finalmente, grupo ou sociedade étnica ou cultural (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2009).

Compartilhar o conhecimento com quem o gerou e desse modo contribuir para a melhoria da qualidade de vida das comunidades estudadas é um dos compromissos dos estudos etnobiológicos (LIMA, 1996). Esse é um grande desafio que a etnobotânica tem enfrentado: repartir de maneira justa e equitativa os

benefícios oriundos da utilização da diversidade vegetal. Esse tema é fruto da Convenção da Diversidade Biológica e está presente na Estratégia Global para Conservação de Plantas.

Registrar os conhecimentos em comunidades tradicionais é fundamental, pois elas são detentoras de parte considerável de saberes sobre a diversidade biológica (DIEGUES; ARRUDA, 2001). O registro dos usos que os vários povos fazem dos recursos vegetais corrobora para o conhecimento da biodiversidade das florestas tropicais (LIMA, 1996), podendo subsidiar trabalhos sobre uso sustentável dos recursos naturais (FONSECA-KRUEL, PEIXOTO 2004).

Populações tradicionais são estratégicas para combinar conhecimentos científicos com o saber local e desse modo, contribuir com estratégias de desenvolvimento sustentável local. (ALBUQUERQUE & ANDRADE 2002). A tradição de populações nativas e suas atividades e costumes devem ser registrados e estimulados devido ao seu conhecimento sobre a vegetação (HANAZAKI *et al.*, 2000). A desagregação de comunidades tradicionais acompanha a degradação ambiental e a intrusão de novos costumes e práticas, isso ameaça um acervo de conhecimentos empíricos e um patrimônio genético e cultural de valor inestimável para as futuras gerações, o que justifica a realização de trabalhos etnobotânicos (AMOROZO & GELY 1988).

Métodos próprios de manejo dos recursos naturais podem cooperar para o desenvolvimento de modos alternativos de utilização do ambiente e desenvolvimento de determinado local ou comunidade (ALCORN, 1984). O modo de produção em comunidades tradicionais se dá de maneira sustentável de acordo com o contexto de cada uma dessas comunidades. O conhecimento de mundo dos povos locais direciona as práticas produtivas e de subsistência relacionadas aos recursos vegetais de maneira a superar possíveis limitações impostas pelo meio (GLIESSMAN, 2001). Os quintais agroecológicos são uma interessante forma de manejo adaptado e possuem uma importância significativa tanto no processo de produção de alimentos e medicamentos naturais, quanto na conservação de espécies vegetais (ALTIERI, 2000). As investigações etnobotânicas possibilitam a compreensão do modo de relacionamento de pessoas com as plantas e quintais em diversos sistemas culturais (ALBUQUERQUE, 2005b).

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Caracterização da área de estudo

A comunidade quilombola estudada localiza-se no sul do estado do Espírito Santo, na área rural de Pacotuba, distrito que pertence ao município de Cachoeiro de Itapemirim. Esse município é o principal centro econômico do sul do estado, possuidor de uma das maiores jazidas de mármore do Brasil, sendo também um centro internacional de rochas ornamentais. Na atualidade é considerado como um centro de extrativismo e beneficiamento mineral (ICMBIO, 2011).

A comunidade é residida por 130 famílias, com número de habitantes próximo a 600, sendo aproximadamente 450 remanescentes de escravos. Dista a 37 quilômetros do centro de Cachoeiro de Itapemirim e é cortada de noroeste a sul pelo ribeirão da Floresta, afluente do rio Itapemirim. Está inserida na área central de um dos dez micro corredores ecológicos do projeto Corredores Ecológicos da Mata Atlântica e se localiza entre duas unidades de conservação: a Floresta Nacional de Pacotuba e a Reserva Particular do Patrimônio Natural Cafundó (Figura 1).

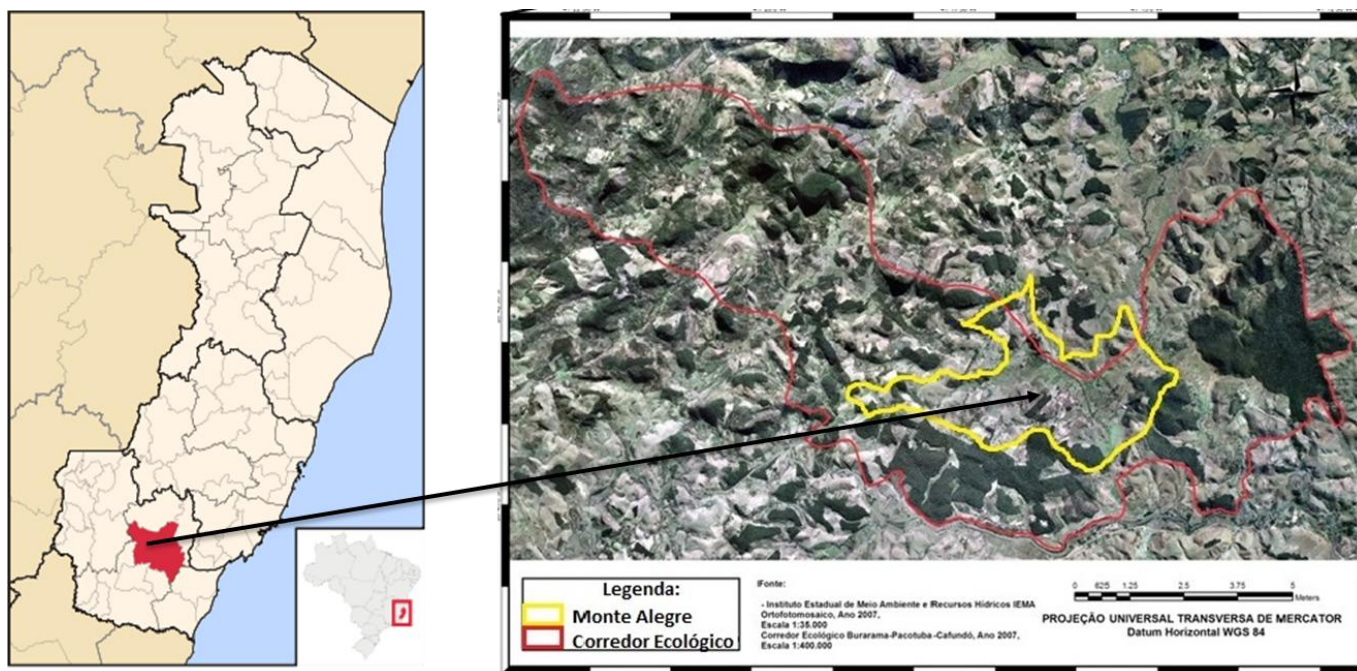


Figura 1: Mapa da localização da área de estudo, comunidade quilombola de Monte Alegre e o micro corredor ecológico Burarama-Pacotuba-Cafundó. Fonte: Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA).

Esse micro corredor, denominado Burarama-Pacotuba-Cafundó, foi o primeiro a ser definido e a iniciar o processo de implantação em 2004 (ICMBIO, 2011). De acordo com MMA (2007) essa região é de “Extrema alta importância para a biodiversidade” com “prioridade de ação extremamente alta”.

Predomina na região a Floresta Estacional Semidecidual Submontana (VELOSO *et al.*, 1991), dividindo espaço com matriz antrópica onde há ocorrência de cafezais, pastagens, cana de açúcar e alguns fragmentos florestais (PROJETO CORREDORES ECOLÓGICOS, 2005). O solo de maior ocorrência é classificado como Latossolo Vermelho-Amarelo Distrófico (EMBRAPA, 2006).

A distribuição de chuvas é irregular, com precipitação média anual de 1293mm (INCAPER, 2010), sendo que a variação da temperatura média mínima do mês mais frio fica entre 11,8 e 18°C e a média máxima do mês mais quente em 30,7 e 34°C (PEZZOPANE *et al.*, 2004).

3.2 Coleta e processamento de informações enobotânicas

Neto (1994) orienta que em primeiro lugar deve-se buscar a aproximação com os habitantes da área selecionada para estudo, a fim de que seja consolidada uma relação de respeito pelas pessoas e manifestações culturais da área (ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2009). Com base nessa orientação, foi estabelecido contato com Leonardo Ventura, remanescente quilombola com credibilidade e aceitação entre os demais habitantes de Monte Alegre e engajado com atividades ambientais e turísticas relativas à comunidade.

A ideia de contatar Leonardo como liderança local, para a partir dele chegar aos demais informantes, surgiu do fato desse senhor ser citado na maioria dos trabalhos acadêmicos encontrados sobre Monte Alegre. No primeiro contato, foram expostos o tema e justificativa da pesquisa, a maneira como a mesma seria conduzida, e foi mencionada a possibilidade da publicação dos resultados em artigo científico e cartilhas para a comunidade. Após serem feitos os devidos esclarecimentos, foi verificada se havia a possibilidade de realizar a pesquisa, a resposta obtida foi positiva.

Os trabalhos de coleta de dados foram realizadas entre Abril e Junho de 2014, onde foram visitados representantes de 24% das 130 famílias da comunidade. Para seleção de informantes foi adotada a técnica da “Bola de neve” (BAILEY, 1994), na qual um informante chave, indica outro morador da comunidade que considera ser grande conhecedor do tema pesquisado, a partir daí um passa a indicar o outro até que não surjam novos nomes (QUINTEIRO et al., 2015).

Para obter a relação de etnoespécies botânicas consideradas úteis e cultivadas nos quintais quilombolas foi utilizada a técnica da listagem livre (freelist) (SMITH, 1993) com cada um dos informantes entrevistados. Cada informante foi estimulado a citar quantas espécies se lembrasse de possuir no quintal, sem restrições.

A pergunta que gerou a lista livre, feita aos informantes, adaptada no momento de cada entrevista de acordo com particularidades dos entrevistados foi: Qual o nome das plantas do seu quintal que são consideradas úteis para a família?

Após a elaboração da lista, informações adicionais referentes ao cultivo no quintal, uso de cada espécie e dados socioeconômicos foram coletados através de questionários semiestruturados (APÊNDICES A, B e C). Em seguida, sob orientação do entrevistado, foi feita uma visita de reconhecimento em cada quintal. A identificação das plantas foi realizada *in loco* durante esse momento, entretanto quando não era possível a identificação no local, houve a elaboração de um arquivo fotográfico dessas plantas, com vistas a identificação através de especialistas e consulta aos bancos de dados Trópicos, do Missouri Botanical Garden, versão on-line, acessível em www.tropicos.org (Trópicos, 2014) e Herbário virtual Re flora do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, disponível em <http://reflora.jbrj.gov.br/> (Re flora, 2014) para conferência da nomenclatura botânica.

A técnica da listagem livre foi usada para calcular a saliência cultural (IS) de cada etnoespécie (SUTROP, 2001). Para esse cálculo foi utilizado o software Visual Anthropac 4.0 (BORGATTI, 1996). O Índice de saliência (IS) de cada item da lista livre varia entre 0 (zero) e 1 (um), onde os itens citados por último ou com baixa frequência tem seu valor declinado a zero e os itens listados por todos ou vários indivíduos e com alta frequência tem seu valor aproximado a um (SUTROP, 2001).

As listas livres revelam a saliência cultural e a variação nos tópicos de conhecimento de cada indivíduo, desse modo, plantas culturalmente importantes são aquelas usadas por um grande número de pessoas, enquanto plantas utilizadas por poucos informantes são consideradas de baixa importância para aquele domínio cultural (TROTTER; LOGAN, 1986).

A saliência é expressada tanto pela ordem quanto pela frequência em que os itens são citados pelos informantes (QUINLAN 2005; BERNARD 1995) e baseia-se no fato de que os entrevistados tendem a informar primeiro as espécies culturalmente importantes e que as plantas mais conhecidas são listadas com mais frequência (TROTTER; LOGAN 1986), dessa maneira pode-se inferir que num determinado domínio cultural, as plantas com maiores índices de saliência são mais importantes.

O Valor de uso (VU) de cada espécie foi obtido através da razão entre a soma das citações de uso para cada espécie e o número total de informantes, sendo que para o cálculo foi utilizada a seguinte fórmula adaptada de Phillips & Gentry (1993):

$$VUs = \sum_i^s U_{si}/n$$

Onde VUs corresponde ao valor de uso da espécie; U_s = número de uso informado por cada informante para a espécie n ; e n = número total de informantes ($n=32$). A adaptação da fórmula se deu devido ao fato de cada informante ter sido entrevistado uma única vez, conforme verificado em outros trabalhos etnobotânicos.

Através de dados de similaridade obtidos a partir dos itens citados na listagem livre, utilizou-se a técnica do empilhamento (BORGATTI, 1996) com as 20 plantas de maior índice de saliência. A técnica foi aplicada para testar a hipótese de que os quilombolas de Monte Alegre classificam as plantas de acordo com sua utilidade, e ainda, os resultados obtidos no empilhamento foram analisados por meio da análise de escalonamento multidimensional. A análise de escalonamento multidimensional (MDS) oferece a representação visual dos padrões de similaridade entre os objetos de estudo (BORGATTI, 1996).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Aspectos gerais envolvendo as famílias entrevistadas e os quintais

4.1.1 Aspectos socioeconômicos

O estudo envolveu 32 informantes, com idades variando entre 25 e 81 anos, sendo que, 24 mulheres e 8 homens, todos indicados por outros membros da comunidade, através da técnica da “Bola de neve” (BAILEY,1994), como bons conhecedores do tema abordado. Com todos os entrevistados foram realizadas entrevistas semiestruturadas para obtenção da listagem livre das plantas cultivadas em quintais e dados sobre o cultivo e hábitos da família com relação aos cuidados com o quintal.

Dentre as pessoas entrevistadas observou-se que 20 são nativas da própria comunidade, 11 são de outras localidades próximas, num raio máximo de 50 km e 1 alegou não saber seu local de nascimento. Com relação ao tempo de permanência na comunidade o mínimo informado foi 8 anos e o máximo 81. Apesar da maioria dos entrevistados declararem ter nascido na própria comunidade, muitos alegaram ter morado algum tempo fora, por isso essa alteração no tempo de residência. Com relação à escolaridade é interessante ressaltar que 2 mulheres que concluíram o ensino médio estão cursando ensino superior em História, no município de Cachoeiro de Itapemirim, centro urbano distante 37Km da comunidade (Tabela 1).

Tabela 1: Dados socioeconômicos dos entrevistados na comunidade quilombola de Monte

Dados sócioeconômicos		Número de informantes (%)	
		FEM	MASC
Idade do entrevistado	25 a 35	18,75	0
	36 a 45	9,37	3,12
	46 a 55	12,5	3,12
	56 a 65	15,62	3,12
	66 a 75	12,5	9,37
	76 a 81	6,25	6,25
Origem	Própria comunidade	43,75	18,75

	Região (raio de 50 km da comunidade)	28,12	3,12
	Não sabe	3,12	0
Tempo de residência na comunidade (anos)	< 10	6,25	0
	Entre 10 e 30	31,25	3,12
	Entre 31 e 50	15,62	3,12
	Entre 51 e 70	15,62	12,5
	Entre 71 e 80	3,12	6,25
Escolaridade	Analfabeto	21,87	12,5
	Ensino Básico	28,12	12,5
	Ensino Fundamental	12,5	0
	Ensino Médio	12,5	0

Com relação à principal fonte de obtenção de renda das famílias entrevistadas, agrupou-se as respostas dos informantes em 6 categorias (Figura 2), sendo que, todos informaram que utilizam recursos vegetais do quintal para complementar a alimentação e realizar trocas com vizinhos. Além das categorias apresentadas na figura 2, há outras fontes de obtenção de renda por outros membros da família, geralmente com o trabalho de diarista em fazendas vizinhas.

Correa *et al.* (2007), abordam a situação de subsistência das famílias da comunidade. Segundo os mesmos, apesar da prática de uma agricultura de subsistência, a baixa renda evidencia carências diversas. Os dados revelam que 48% das famílias sobrevivem com menos de R\$ 300,00 (trezentos reais) mensais. A maior parte da comunidade é composta de lavradores. Também chama a atenção o percentual de lares sustentados por aposentados, num total de 25%.

O presente estudo também encontrou grande número de situações para agricultura de subsistência, em que todas as famílias a praticam e apesar de não ter sido citada como principal fonte de renda por muitos informantes, os trabalhos como lavradores e meeiros também são realizados, por pelo menos, um membro de cada família entrevistada. O número de lares sustentados principalmente por aposentados também chamou atenção, correspondem a 53,12% de famílias entrevistadas.

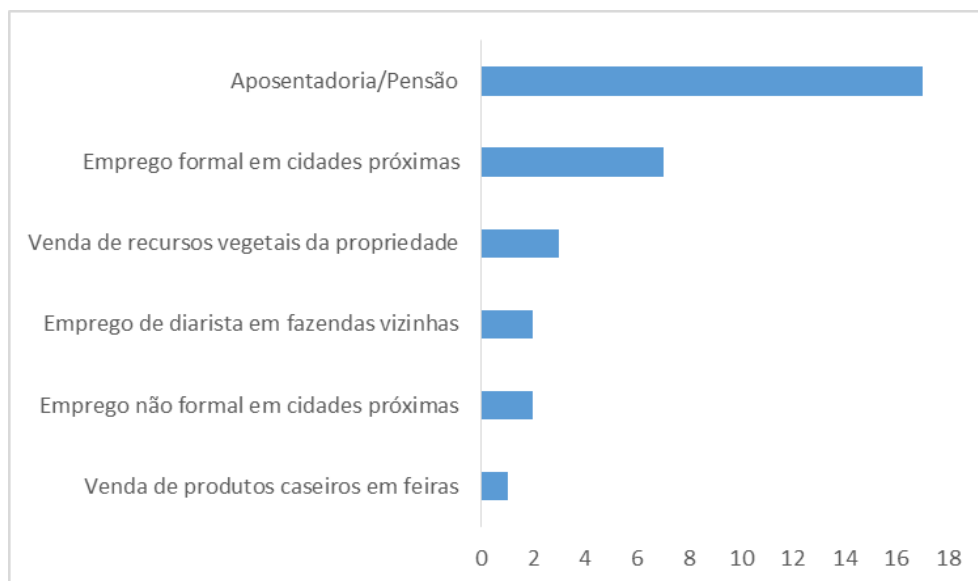


Figura 2: Principais formas de obtenção de renda na comunidade quilombola de Monte Alegre.

4.1.2 Formas de obtenção do conhecimento

Quanto à forma de obtenção de conhecimento, as respostas dos informantes puderam ser enquadradas em 6 categorias (Figura 3). Segundo Laplantine & Rabeyron (1989), o modo de transmissão do saber local é uma das características que define as práticas tradicionais, a forma essencialmente oral e gestual (“ouvir falar” e “ver fazer”) por intermédio de familiares e vizinhos, e não pela escola ou por outras instituições faz com que os saberes permaneçam pouco alterados e compartilhe de estruturas culturais e religiosas semelhantes. Essa característica é fortemente percebida em monte alegre já a maioria das citações diz respeito ao modo transmissão oral do conhecimento pelos ancestrais (27 citações) e obtenção do conhecimento através da observação (5). As demais categorias não ultrapassam 4 citações. É importante ressaltar que alguns informantes acumularam mais de uma categoria de obtenção de conhecimento etnobotânico.

Observa-se que o conhecimento acumulado pelas pessoas mais velhas será substituído por novos fragmentos culturais instituídos não mais pelas formas tradicionais do “ouvir falar” e “ver-fazer”, e sim por formas mais contemporâneas envolvidas principalmente pela escrita (livro) e por instituições educacionais e de saúde (LÉVI-STRAUSS, 1996; LARAIA, 1997), sendo que, possivelmente, é o que

se observa em Monte Alegre, sobretudo pelo fato de alguns informantes mencionarem programas de televisão e cursos como forma de obtenção do conhecimento ou parte dele.

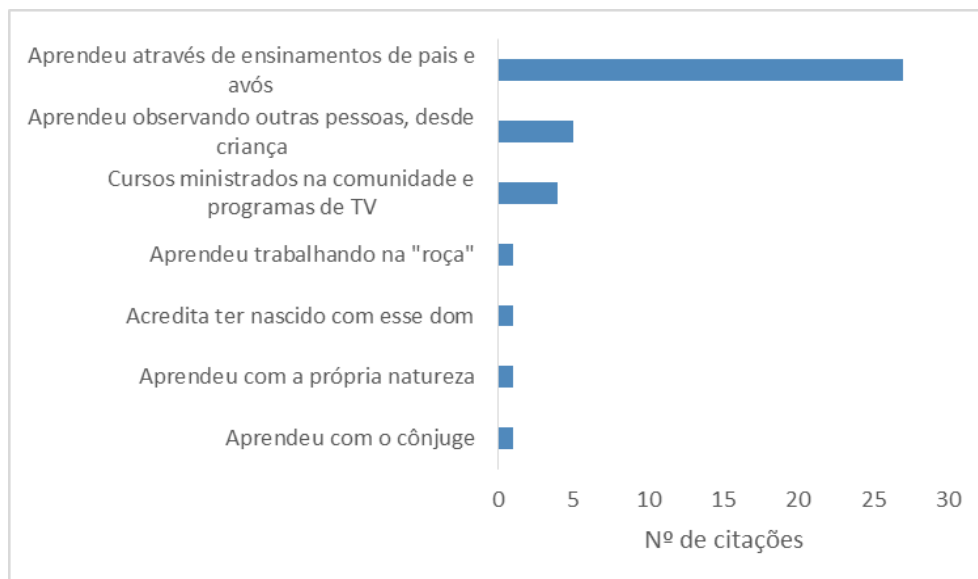


Figura 3: Principais formas de obtenção e transmissão do conhecimento etnobotânico na comunidade quilombola de Monte Alegre.

No momento da entrevista registrou-se dois comentários que ilustram o modo de obtenção do conhecimento, um baseado na observação e outro baseado na transmissão de saberes de ancestrais:

“É uma coisa que a gente aprende sozinho, vendo as coisas, pois ninguém ensina nada a gente” Dona I.P.B, 73 anos.

“Aprendi com meu pai, que era plantador” Dona E.A.V 59 anos.

4.2 Os quintais de Monte Alegre, os informantes e as plantas citadas

Dos 32 informantes, apontados pela comunidade como conhecedores de plantas locais, 24 pertencem ao gênero feminino e 8 ao masculino, com faixa etária variando entre 25 e 81 anos. A figura 4 aponta para o aumento do número de citações de plantas consideradas úteis existentes nos quintais, proporcional ao aumento da classe etária dos informantes. Esse pode ser um indicador que nessa comunidade, o saber sobre plantas locais predomina entre os mais velhos. A exceção que ocorre na faixa etária “36 a 45 anos”, e apresenta maior número de citações de plantas do que as duas faixas etárias seguintes, pode ser explicada pelo

fato de nesse grupo haver duas famílias que trabalham com cultivo de hortas para venda nos mercados e feiras da região, o que estimula e demanda um maior conhecimento e cultivo de plantas no espaço em que consideram quintal.

Lima *et al.* (2000) e Hanazaki *et al.* (2000) em seus estudos realizados na Mata Atlântica e Galeano (2000), em estudo realizado com afrodescendentes na Colômbia, também identificaram um maior conhecimento sobre plantas entre os habitantes mais velhos da comunidade. Para Lima *et al.* (2000) isso pode representar uma diluição do conhecimento sobre plantas entre os mais jovens, provavelmente pela maior influência de informações externas a que essa faixa da população está sujeita. Galeano (2000) afirma que o conhecimento dos afro-americanos corre o risco de desaparecer, visto que os mais jovens não têm tanto interesse mais pela floresta e atividades agrícolas e o estilo de vida, principalmente nessa faixa etária, vem mudando drasticamente.

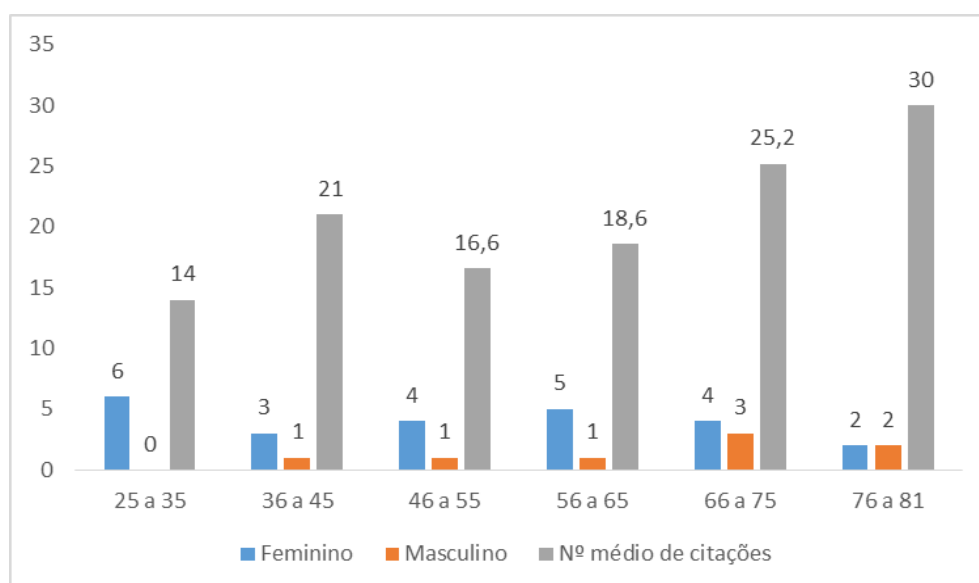


Figura 4: Distribuição dos quilombolas entrevistados na comunidade Monte Alegre por classe etária, gênero e número médio de espécies citadas em cada classe.

Ao serem indagados sobre as dimensões do quintal, os quilombolas deram respostas variadas, citando inclusive diferentes unidades de medidas. Isso pode indicar que o espaço denominado quintal varia de acordo com a necessidade e conceitos próprios de cada família. Com relação às medidas do quintal; 43,75% alegaram não ter as mesmas definidas; 31, 25% forneceram a medida na unidade litros de terra; 18, 75% forneceram em metros quadrados e 3,12% em hectares (Tabela 2). Ao serem perguntados sobre os limites do quintal, sempre citaram algum

item da paisagem, tanto vegetal e/ou natural quanto construída. Os itens da paisagem natural e/ou vegetal citados como limites dos quintais foram: árvores frutíferas, rio, plantações diversas, paisagem de várzea, árvores imponentes e de grande porte como figueira e angico. Da paisagem construída foram citados os seguintes elementos: cerca, estrada, poste, igreja e quadra da escola.

Tabela 2: Medidas dos quintais das famílias entrevistadas, de acordo com os informantes.

Unidades de medida informadas	Medida	nº de informantes
Litro de Terra	1	4
	1,5	1
	2	3
	3	1
Metro quadrado	400	1
	1200	1
	1400	1
	2500	1
	3600	1
	5000	1
Hectares	2	1
Não definiram medidas	Indefinida	16

A resposta dos quilombolas com relação à importância de se cultivar em quintais gerou diversas respostas que puderam ser agrupadas em 12 categorias. A grande maioria das citações (28,33%), afirmou ser importante o cultivo em quintais por “não precisar comprar” e nessa afirmação está subentendido que o quintal fornece alimento, temperos e remédios aos entrevistados e também ressalta o papel econômico que os quintais desempenham ao fornecer produtos e evitar gastos financeiros. Portanto, essa categoria apesar de estar subentendida em todas as outras foi mantida devido ao grande número de informantes que a mencionou.

As categorias: “Sempre tem frutos”, “Não precisa depender de farmácia”, “A qualidade do alimento é melhor”, “Dor aos vizinhos e visitantes”, “Vender na feira” e “Não precisar pedir a ninguém”, que somadas representam 40% das citações, revelam como os quintais possibilitam autonomia aos quilombolas com relação ao que irão consumir, pois nesse espaço podem estabelecer cultivos de sua preferência cultural e alimentar ao invés de se submeterem a remédios sintéticos e alimentos

dos comércios, que geralmente são escolhidos a partir de menores preços e não da qualidade ou sua preferência.

As categorias “Preserva a natureza”, “As árvores fornecem boa sombra”, “Plantar e colher é gratificante/terapia”, “É bonito, enfeita o quintal” e “Atraem insetos para as galinhas”, juntas representam 31,66% das citações e ilustram a percepção dos quilombolas entrevistados no que diz respeito à importância dos vegetais num sentido amplo, onde as plantas não são vistas apenas como recursos alimentares e medicinais, mas fazem parte de um conjunto e interagem com os outros habitantes da casa ao proporcionar beleza e bem estar e também com outros elementos vivos do quintal, ao proporcionar alimento para as galinhas. Além disso, fica entendido que geram benefício a todo o conjunto quando os entrevistados afirmam que “Preserva a natureza”.

Essas categorias podem ser conferidas na Figura 5 e se torna interessante frisar que cada informante mencionou mais de uma vantagem em se cultivar em quintais, essas respostas foram acumuladas nas categorias da tabela.



Figura 5: Principais vantagens em se cultivar nos quintais, segundo os quilombolas de Monte Alegre.

4.2.1 As espécies vegetais encontradas em Monte Alegre

O estudo realizado possibilitou a elaboração de uma lista contendo 128 plantas úteis cultivadas nos quintais da comunidade e distribuídas em 51 famílias botânicas (Tabela 3). Das espécies listadas 19.53% são nativas da Mata Atlântica, ou seja,

ocorrem naturalmente nesse bioma; 10.93% são alóctones, ou seja, ocorrem naturalmente em outros biomas do território brasileiro, 67.18% são originárias de outros países (exóticas) e 2.34% não foram classificadas quanto às respectivas origens (Figura 6).

Tabela 3: Relação de plantas obtidas através das listagens livres na comunidade quilombola de Monte Alegre, com seus respectivos Índices de Saliência (IS) e Valores de Uso (VU), bem como as categorias de uso e classificação quanto à origem. Categorias de Uso: A: Alimentar; M: Medicinal; R: Ritualística; S: Sombra e HE: Higiene/Estética. Quando houver a separação de duas letras por um hífen (-), significa que a planta acumula duas categorias de uso. Origem: N: Nativa (Ocorre naturalmente no bioma onde está inserida a área de estudo), A: Alóctone (Originária de outros biomas, E: Exótica (Originária de outros países), XX: Não foi identificada a origem.

Família/Espécie	Nome local	Índice de Saliência Cultural (IS)	Valor de Uso (VU)	Categoria de Uso	Origem
Alismataceae					
<i>Echinodorus macrophyllus</i> (kunth) Micheli	Chapéu de couro	0,038	0,0645	M	N
Amaranthaceae					
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Santa Maria	0,026	0,0323	M	N
<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	0,017	0,0323	A	E
Amaryllidaceae					
<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha verde	0,207	0,3226	A	E
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	0,029	0,129	A - M	E
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola vermelha	0,015	0,0323	M	E
Anacardiaceae					
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	0,483	1,6774	A - M	E
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajú	0,081	0,2903	A - M	A
<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Cajá	0,072	0,2258	A	A
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira	0,065	0,129	M	N
<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela	0,029	0,0645	A	A
Annonaceae					
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	0,13	0,3871	A - M	E
<i>Annona squamosa</i> L.	Fruta do conde	0,024	0,129	A	E
<i>Rollinia mucosa</i> (Jacq.) Baill.	Biribá	0,024	0,0323	A	A
Apiaceae					
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Salsinha	0,072	0,1613	A	E

<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	0,033	0,0645	A	E
<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	0,026	0,0968	A	E
Araceae					
<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	Taioba	0,101	0,2258	A	E
<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	Inhaminho (Taro)	0,025	0,0645	A	N
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	Comigo ninguém pode	0,008	0,0645	R	A
Areceaceae					
<i>Cocos nucifera</i> L.	Côco	0,332	1,0323	A - M	E
<i>Bactris gasipaes</i> kunth	Palmito pupunha	0,043	0,0968	A	A
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí	0,023	0,0323	A - M	A
Asparagaceae					
<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada de São Jorge	0,002	0,0323	R	E
Asteraceae					
<i>Porophyllum ruderale</i> (Jacq.) Cass.	Arnica	0,146	0,3548	M	N
<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	0,072	0,129	A	E
<i>Cichorium intybus</i> L.	Almeirão	0,048	0,1935	A	E
<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	0,048	0,129	M	N
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Alecrim do campo	0,046	0,0645	M	N
<i>Elephantopus mollis</i> kunth	Erva grossa	0,036	0,0645	M - R	N
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	0,03	0,0323	M	E
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Erva de São João	0,028	0,0323	M	N
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Guapo	0,013	0,0645	M	A
<i>Achillea millefolium</i> L.	Novalgina	0,007	0,0968	M	E
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	0,005	0,0323	M	N
Basellaceae					
<i>Basella rubra</i> L.	Bertálha	0,006	0,0323	A	E
Bignoniaceae					
<i>Jacaranda semiserrata</i> Cham.	Carobinha	0,027	0,0645	M	N
Bixaceae					
<i>Bixa orellana</i> L.	Coloral/Urucum	0,049	0,129	A	A
Brassicaceae					
<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	0,149	0,4194	A - M	E

<i>Brassica oleracea</i> var. <i>capitata</i> L.	Repolho	0,024	0,129	A	E
<i>Eruca sativa</i> Mill.	Rúcula	0,006	0,0323	A	E
Bromeliaceae					
<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	0,047	0,2258	A - M	E
Caricaceae					
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	0,221	0,7419	A - M	E
Combretaceae					
<i>Terminalia catappa</i> L.	Castanheira	0,022	0,0323	A - S	E
Convolvulaceae					
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Batata doce	0,135	0,2581	A - M	E
Costaceae					
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana de macaco	0,018	0,1613	M	A
Crassulaceae					
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Saião	0,195	0,4516	A - M	E
Cucurbitaceae					
<i>Cucurbita pepo</i> L.	Abóbora	0,145	0,2581	A	E
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	0,028	0,0323	A	E
<i>Cucumis anguria</i> L.	Maxixe	0,023	0,0323	M	E
<i>Luffa cylindrica</i> (L.) M. Roem.	Bucha	0,02	0,0323	HE	E
<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Melancia	0,019	0,0645	A	E
Dioscoreaceae					
<i>Dioscorea</i> sp. L.	Inhame	0,016	0,0645	A	XX
Euphorbiaceae					
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	0,2	0,3871	A	A
<i>Jatropha multifida</i> L.	Baço	0,011	0,0645	M	E
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pião roxo	0,004	0,0323	M	A
Fabaceae					
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	0,029	0,129	A - M	E
<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá	0,025	0,0323	A	N
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão preto	0,012	0,0323	A	E
<i>Mimosa pudica</i> L.	Dormideira	0,011	0,0323	R	N
Lamiaceae					
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo	0,268	0,6452	M	E
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Macaé	0,179	0,6452	M	E
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	0,109	0,4516	A - M	E
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã pimenta	0,096	0,1613	A	E
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	0,095	0,2258	A - M	E
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca	0,092	0,2258	A - M	E

<i>Mentha villosa</i> Becker.	Hortelã	0,084	0,2258	A - M	E
<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	0,042	0,2258	M	E
<i>Mentha sylvestris</i> L.	Alevante	0,029	0,129	M	E
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Elixir paregórico	0,027	0,0323	M	N
<i>Mentha</i> × <i>piperita</i> L.	Hortelã roxo	0,022	0,0323	A - M	E
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd	Boldinho	0,014	0,0645	M	E
Lauraceae					
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	0,257	0,7742	A - M - HE	E
<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	Canela	0,01	0,0323	M	E
Loranthaceae					
<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	Erva de passarinho	0,062	0,129	M	A
Lythraceae					
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	0,049	0,1935	A - M	E
Malpighiaceae					
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	0,166	0,6129	A - M	E
Malvaceae					
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo	0,12	0,2258	A	E
<i>Abelmoschus caillei</i> (A.Chev.) Stevels	Quiabo de maio	0,019	0,0323	A	E
<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	0,011	0,0323	A	A
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	0,003	0,0323	M	E
Marantaceae					
<i>Maranta arundinacea</i> L.	Araruta	0,01	0,0323	A - M	N
Moraceae					
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	0,162	0,4194	A	E
<i>Ficus carica</i> L.	Figo	0,065	0,0968	A	E
<i>Morus nigra</i> L.	Amora	0,057	0,1613	A	E
<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Liga osso	0,032	0,0645	M	A
Musaceae					
<i>Musa</i> sp. L.	Banana	0,427	1,2258	A	E
Myrtaceae					
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	0,335	1,2581	A - M	N
<i>Myrciaria trunciflora</i> O. Berg	Jaboticaba	0,119	0,3548	A	N
<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	Jambo amarelo	0,046	0,0968	A	E
<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araçá	0,04	0,0645	A	A
<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambolão	0,037	0,0968	A	E
Oxalidaceae					
<i>Averrhoa bilimbi</i> L.	Biribiri	0,027	0,0323	M	N

<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	0,01	0,0323	A - M	E
Passifloraceae					
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	0,139	0,3871	A - M	N
Phyllanthaceae					
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	0,057	0,1613	M	A
Phytolaccaceae					
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	0,007	0,0323	R	N
Piperaceae					
<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	0,026	0,0645	A	E
Plantaginaceae					
<i>Plantago major</i> L.	Transagem	0,04	0,0968	M	N
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	0,02	0,0323	HE	N
Poaceae					
<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana	0,17	0,3548	A - M	E
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim cidreira	0,152	0,2903	A - M	E
<i>Zea mays</i> L.	Milho	0,055	0,1613	A	E
<i>Cymbopogon winterianus</i> Jowitt ex Bor	Citronela	0,025	0,0323	HE	E
Polygalaceae					
<i>Polygala paniculata</i> L.	Arrozim do campo	0,028	0,0645	M	E
Rosaceae					
<i>Rosa × centifolia</i> L.	Rosa branca	0,065	0,0645	M	E
<i>Roseira Rosa x grandiflora</i> Hort .	Rosa vermelha	0,027	0,0323	M	E
Rubiaceae					
<i>Coffea</i> sp.	Café	0,056	0,1935	A - M	E
<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	0,029	0,0968	A - M	N
<i>Morinda citrifolia</i> L.	None	0,007	0,0323	M	E
Rutaceae					
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	0,384	1,1935	A - M	E
<i>Citrus × limon</i> (L.) Osbeck	Limão	0,335	0,9355	A - M	E
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Mexerica poncan	0,239	0,5484	A - M	E
<i>Citrus deliciosa</i> Ten.	Mexerica casca lisa	0,145	0,3871	A - M	E
<i>Citrus paradisi</i> Macfad.	Laranja cidra	0,113	0,2258	A - M	E
<i>Pilocarpus microphyllus</i> Stapf ex Wardleworth	Jaborandi	0,018	0,0323	M	A
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	0,011	0,0645	M - R - HE	E

Sapotaceae					
<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	Abil	0,096	0,129	A	N
Solanaceae					
<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate	0,048	0,129	A	E
<i>Capsicum</i> sp. L.	Pimenta	0,026	0,129	A	XX
<i>Solanum gilo</i> Raddi	Jiló	0,016	0,0323	A	E
<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Panacéia	0,015	0,0323	M	E
<i>Solanum melongena</i> L.	Beringela	0,015	0,0645	A - M	E
<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batata	0,001	0,0323	A	E
Verbenaceae					
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson	Erva cidreira	0,138	0,3548	M	N
Vitaceae					
<i>Cissus</i> sp. L.	Bactrim	0,027	0,0323	M	XX
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E. Jarvis	Insulina	0,013	0,0645	M	N
Xanthorrhoeaceae					
<i>Aloe spicata</i> L. f.	Babosa	0,011	0,0645	M	E

A ocorrência elevada de espécies exóticas nos quintais da comunidade pode ser explicada pelo cultivo de itens alimentícios de interesse comercial para venda nos mercados e feiras da região, onde aproximadamente 32% de todas as espécies encontradas nos quintais, são exóticas e com finalidade comercial (Figura 6) e para atendimento a dois programas do governo federal do qual duas famílias participam: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). O atendimento a esses programas se dá através de contrato onde os produtores se comprometem a fornecer determinada quantidade de alimento às escolas e instituições públicas na região e por isso recebem um preço justo, equilibrado com o mercado local. Segundo as famílias que participam do programa, uma das muitas vantagens é a segurança financeira mensal, pois sabem que o alimento produzido será vendido e não corre o risco de sobrar como ocorre nos mercados e feiras.

Outras possibilidades para a alta ocorrência de exóticas que existem nos quintais pode estar ligada a proximidade de Monte Alegre com um grande Centro urbano, ou seja, Cachoeiro de Itapemirim, uma vez que as duas localidades se distanciam em apenas 37 quilômetros e pela intensa atividade turística que vem

sendo desenvolvida na comunidade estudada, Hanazaki *et al.* (2000) afirma que a diversidade de saberes relacionados aos usos de plantas pode sofrer interferência e até ser gradualmente perdida com o aumento das atividades ligadas ao turismo.

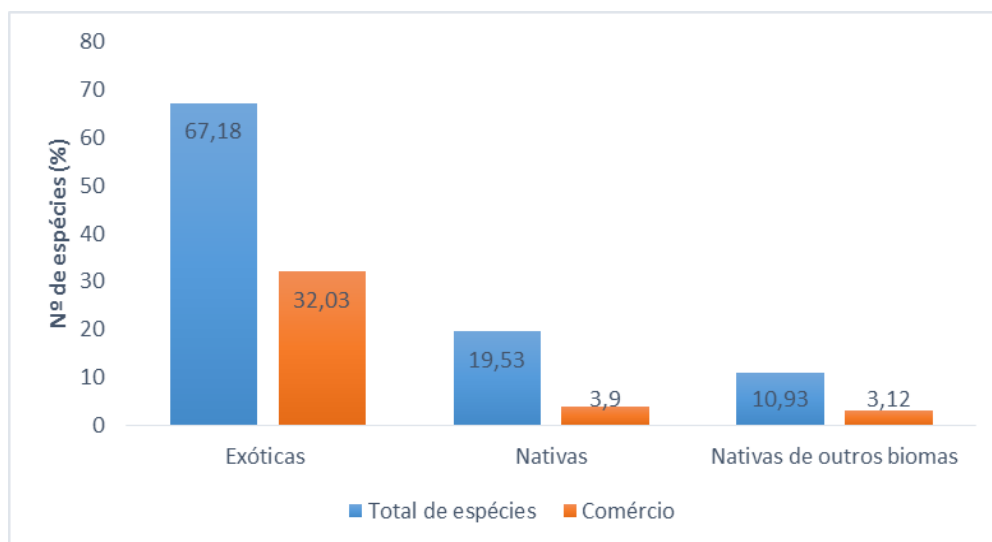


Figura 6: Origem das plantas citadas pelos habitantes de Monte Alegre e sua distribuição quanto a finalidade comercial.

Foi identificada, para algumas espécies vegetais, uma forma de etnoclassificação utilizada pelos quilombolas de Monte Alegre. Ela adota critérios que levam em consideração características morfológicas da planta inteira, alguma de suas partes e particularidades e/ou a utilidade da mesma (Quadro 1).

Quadro 1: Enotaxonomia das espécies encontradas nos quintais de Monte Alegre, baseada em características e utilidade das plantas.

Enotaxonomia	Classificação científica	Característica/Utilidade da planta
Comigo ninguém pode	<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	Utilidade: planta inteira, mantida próxima à casa a fim de manter distante " mau olhado" e más intenções contra a família. Utilizada para proteção da casa.
Espada de São Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Característica: Formato semelhante à uma espada. Utilidade: planta inteira, distribuída ao redor da casa com a finalidade de proteção e espantar "mau olhado".

Coloral/ Urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Característica: Sementes coloridas e que soltam facilmente corante laranja avermelhada quando manipuladas. Utilidade: Utilizada para produzir corante de alimentos.
Dormideira	<i>Mimosa pudica</i> L.	Característica: Planta sensível, que ao menor toque e à noite, fecha suas folhas e fica com aspecto de murcha.
Erva de passarinho	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	Característica: É "plantada" por passarinhos segundo os quilombolas. Que ao trazer e levar partes da planta acabam por "espalhar" (dispersar) as sementes.
Quiabo de maio	<i>Abelmoschus caillei</i> (A.Chev.) Stevels	Característica: Somente produz o fruto no mês de maio.
Liga osso	<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Utilidade: O emplasto ou a massagem das folhas são utilizados externamente para acelerar a recuperação de fraturas ósseas.
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Utilidade: O chá das folhas é utilizado para o tratamento de pedra nos rins, segundo os quilombolas ele faz com que as pedras se quebrem em pedaços menores e sejam expulsas do corpo com maior facilidade.
Babosa	<i>Aloe spicata</i> L. f.	Característica: O sumo da folha é gomoso. Quando a folha é cortada, o sumo que escorre é semelhante a uma baba de animal.

Observa-se nas espécies acima, que os quilombolas de Monte Alegre adotam uma nomenclatura de fácil reconhecimento e classificação a partir de características ou utilidades de algumas espécies. Segundo Lévi-Strauss (1987), populações tradicionais relacionam as coisas vivas também com o que se assemelha a elas e por vezes com o que se diferencia delas, construindo maneiras próprias de nomear as coisas vivas, nesse caso, algumas plantas presentes nos quintais.

Os critérios de etnoclassificação das plantas (Quadro 1), corroboram com a ideia de que povos tradicionais vinculam características às espécies, como forma de diferenciá-las. Desse modo esses aspectos são guias importantes para utilização da

flora de acordo com a necessidade das diferentes populações, portanto, pequenas comunidades apresentam um conjunto de práticas culturais que possibilitam assegurar a perpetuação de seus modos de vida. Berlin (1992) afirma que o agrupamento e o reconhecimento de materiais biológicos para populações humanas, tem como base as similaridades e diferenças compartilhadas, comuns tanto na classificação científica, quanto na etnobiológica.

O tema etnotaxonomia, por tratar-se de uma vertente da etnobotânica, exige um maior aprofundamento de coleta de dados que poderia oportunizar maiores esclarecimentos relacionados aos padrões de nomenclatura locais, além disso, a discussão sobre etnotaxonomia ainda está em curso (LIMA, 2010).

As plantas cultivadas nos quintais de Monte Alegre foram agrupadas em categorias de acordo com os usos informados pelos entrevistados. Esses usos foram categorizados na Figura 7.

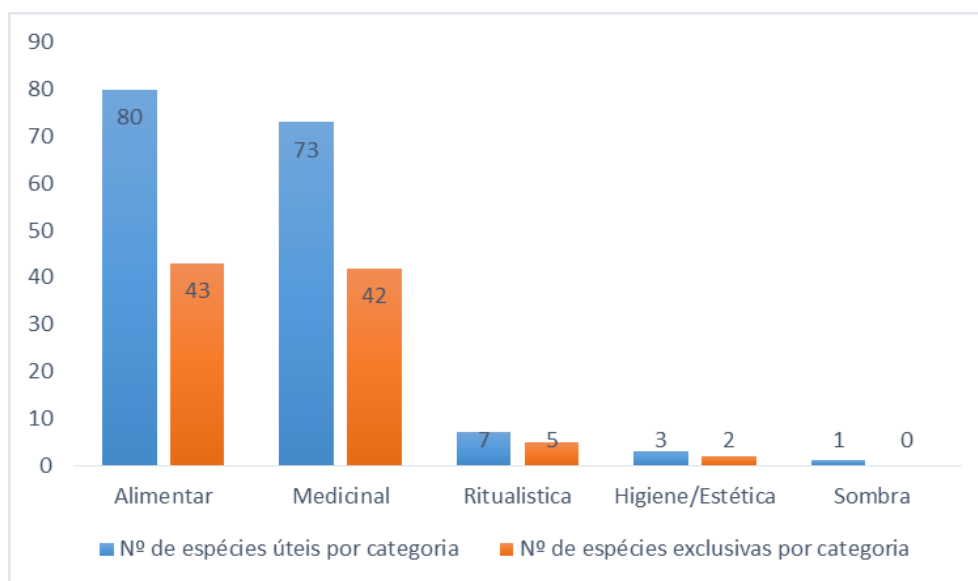


Figura 7: Número de espécies por categoria e espécies exclusivas por categoria de uso, da comunidade quilombola de Monte Alegre.

Fonseca-Kruel & Peixoto (2004), em trabalho realizado na Mata Atlântica também encontraram maior número de espécies da categoria alimentar, seguida da categoria medicinal.

Nos trabalhos de França (2001), desenvolvidos com quilombolas na APA de Cairuçu (RJ) e Crepaldi (2007), realizado com quilombolas no estado do Espírito

Santo essas posições se invertem, a categoria de uso medicinal apresenta maior número de espécies, seguida da categoria alimentar.

No presente estudo, as categorias alimentar e medicinal foram as que apresentaram maior número de espécies cultivadas, provavelmente por representarem a satisfação de necessidades mais básicas do ser humano, o alimento e a cura de enfermidades, além disso, o hábito de alguns moradores cultivarem alimentos para finalidades comerciais é um dos fatores que pode ter contribuído para a categoria alimentar ser a que apresentou maior número de espécies.

A categoria ritualística, apresentou 7 espécies, sendo que Crepaldi (2007) encontrou 10 plantas nessa categoria. Segundo Oliveira (1999), os aspectos religiosos das comunidades quilombolas passaram por modificações ao longo dos anos e contam hoje com aspectos das religiões católicas e evangélicas, porém, muitos ainda mantêm o hábito de utilizar ervas medicinais, banhos e simpatia de seus ancestrais. Das 7 espécies encontradas na categoria ritualística, 5 delas são exclusivas e 2: *Elephantopus mollis* kunth (erva grossa) e *Ruta graveolens* L. (arruda) tem seu uso também mencionado como medicinal por alguns informantes. Ao afirmar que uma planta é medicinal “remédio” e ao incorporar essa informação nas práticas diárias, uma parte dos quilombolas de Monte Alegre, de modo inconsciente, dão continuidade a antigos costumes sem contradizer os princípios religiosos católicos e evangélicos que vem sendo incorporado à comunidade ao longo de décadas.

É interessante ressaltar que a maioria das espécies relatadas como exclusivamente medicinais não são nativas. Esse resultado corrobora com outros levantamentos etnobotânicos realizados na mata atlântica, onde a maioria das espécies medicinais são exóticas (Hanazaki *et al.* 2000; Fonseca-Kruel, Peixoto 2004). Entretanto, resultado diferente foi apontado por Crepaldi (2007) em seu trabalho realizado com quilombolas no estado do Espírito Santo onde encontrou uma maioria de plantas nativas na categoria medicinal.

O baixo número de citações para a categoria ritualística, além de aspectos religiosos citados acima, também pode estar relacionado ao tempo *in loco* dedicado às entrevistas (10 dias por mês, durante 3 meses), que pode ter sido insuficiente

para estabelecer uma relação maior de confiança entre pesquisador e informantes a ponto de os mesmos mencionarem aspectos mais íntimos de sua cultura religiosa.

É interessante observar que a categoria ornamental não foi mencionada pelos informantes, mas esse aspecto não significa que não existam plantas ornamentais na comunidade, pois foi observado nos quintais e ao redor da casa, plantas com flores e que não foram apontadas na listagem livre como úteis.

A pergunta feita aos informantes e que estimulou a montagem dessa lista de plantas pode ter influenciado nesse resultado, uma vez que pede que mencionem as plantas consideradas “úteis” para a família e assim sendo, os quilombolas entrevistados podem ter interpretado esse termo de maneira mais prática e mencionado as plantas diretamente envolvidas com atividades do cotidiano.

Ainda assim, apesar de não mencionar diretamente plantas ornamentais como úteis, 4 informantes, ao responderem o questionário semiestruturado, mencionaram a importância que dão às espécies ornamentais (Quadro 2). Nessa mesma tabela é interessante destacar que um dos informantes usa o termo “**exóticas**” ao responder a importância de se cultivar em quintais. Esse termo, apresenta um significado próprio no contexto do informante, diferente do conceito adotado pelo presente estudo. De acordo com palavras desse informante, significa: “*Planta que só de olhar, a pessoa tem uma sensação boa, pois enfeita*”.

Quadro 2: Observações relacionadas à categoria ornamental, feita por alguns quilombolas de Monte Alegre ao serem indagados sobre a importância de cultivar plantas nos quintais.

*Questionário semiestruturado – Referente ao cultivo em quintais	
Questão	**Qual a importância/vantagem, de se cultivar nos quintais?
*Fragmento da resposta relacionada às plantas com a finalidade ornamental.	"Tem folhas de coqueiro e samambaia quando precisa para enfeitar o altar da igreja" "Ter plantas exóticas no quintal é bom"
	" O quintal fica bonito"
	" É bom para enfeitar a casa"
	"É uma coisa boa de ver"
* Mais detalhes sobre a questão abordada na tabela e as demais respostas no item 4.2 desse trabalho, Figura 5. ** A pergunta foi adaptada oralmente, em cada entrevista, de acordo com a realidade de cada entrevistado.	

As 128 espécies citadas como úteis pelos quilombolas de Monte Alegre estão agrupadas em 51 famílias (Tabela 3), sendo que as 11 mais representativas, de acordo com o número de plantas que abrangem quintais da comunidade, estão representadas abaixo (Figura 8) relacionadas com as categorias de uso atribuídas as suas espécies pelos informantes.

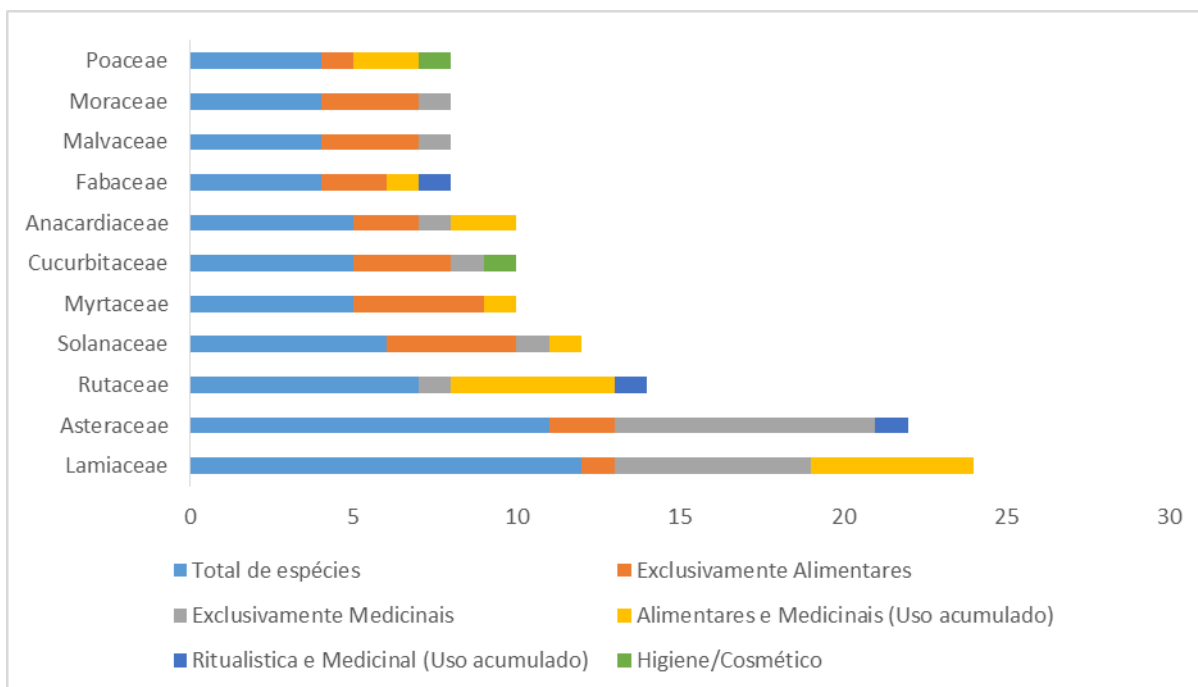


Figura 8: Famílias com maior número de espécies citadas como úteis pela comunidade de Monte Alegre e a distribuição dessas espécies conforme as respectivas categorias de uso.

As demais famílias apontadas por esse estudo são compostas por 3 espécies (8 famílias), 2 espécies (5 famílias), 1 espécie (27 famílias) (Tabela 3).

Hanazaki *et al.* (2000), Lima *et al.* (2000) e Crepaldi (2007) citaram a família Asteraceae como mais representativa em seus estudos, sendo a maioria das espécies citadas utilizadas para fins medicinais. Em outra pesquisa realizada na mata atlântica (FONSECA-KRUEL, PEIXOTO 2004) a família Myrtaceae foi a mais representativa, com a maioria de suas espécies empregadas na categoria alimentar e seguida pela Asteraceae. O presente estudo também aponta Asteraceae como a segunda família mais representativa e a maioria de suas espécies (72%) são empregadas exclusivamente para fins medicinais e Myrtaceae é a quinta mais representativa, com todas as suas espécies (5) empregadas na alimentação, sendo que uma espécie (*Psidium guajava* L.) acumula a categoria alimentar e medicinal.

Pinto, Amorozo e Furlan (2006), em trabalho realizado na Mata Atlântica, exclusivamente com plantas medicinais, apontaram a família Lamiaceae como a mais representativa. O presente estudo também aponta Lamiaceae como a família botânica mais representativa e 50% de suas espécies são empregadas em uso exclusivamente medicinal. Nesse mesmo trabalho, os autores também citam Asteraceae, Rutaceae, Fabaceae e Poaceae como plantas de grande representatividade nas comunidades estudadas, resultados que corroboram com os dados obtidos na comunidade de Monte Alegre.

No trabalho de Hanazaki *et al.* (2000), as famílias Lamiaceae e Myrtaceae, aparecem entre as 10 mais utilizadas. Em Lima *et al.* (2000) as famílias Rutaceae, Fabaceae e Myrtaceae estão entre as 15 mais representativas. Já nos estudos de Crepaldi (2007), Asteraceae, Lamiaceae, Rutaceae Myrtaceae, Moraceae e Fabaceae então entre as 9 mais representativas.

Com relação às partes vegetais mais utilizadas (Figura 9), os frutos apresentam 311 citações de uso, seguido por folha com 217 citações e raiz com 28. Esse resultado acompanha de certo modo a lógica do número de espécies encontradas nas categorias de uso, que apresentou a alimentar com maior número de espécies, seguida pela medicinal. No caso das partes utilizadas, a maioria das citações alimentares são para os frutos e a maioria das citações medicinais são para as folhas. É interessante ressaltar que a categoria “casca” se refere à casca de frutos e não de árvores.

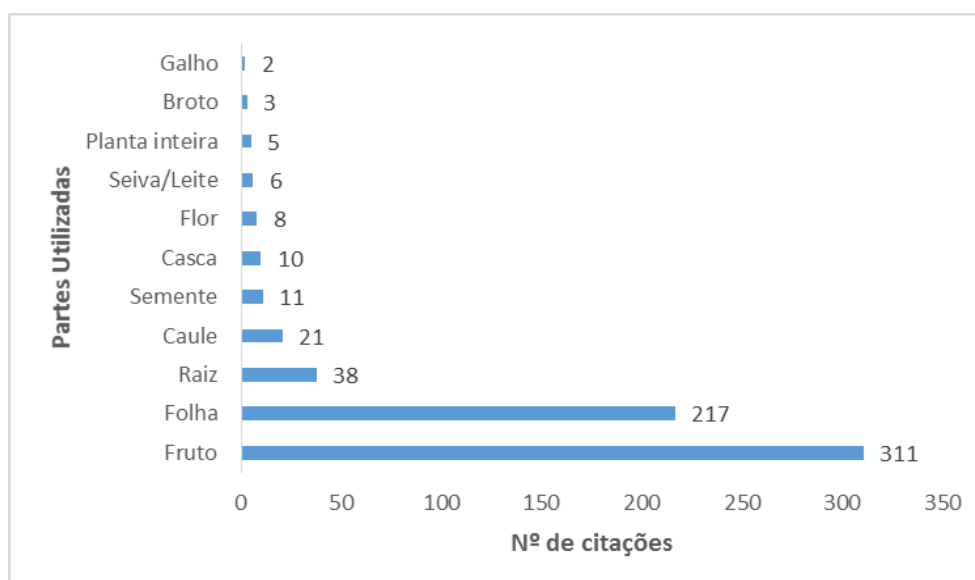


Figura 9: As partes vegetais mais utilizadas pelos quilombolas de Monte Alegre

As maneiras mais comuns dos quilombolas utilizarem seus vegetais é *in natura*, com 308 citações, seguido por chá com 163 citações e suco com 114 (Figura 10). É interessante ressaltar que o modo de uso apresentado como “processado” foi adicionado como categoria para enquadrar as citações de uso de alimentos que vão ao fogo, para cozimento, fritura ou serem assados. As categorias “Xarope” e “Garrafada” foram adicionadas de acordo com os relatos e conceitos da própria comunidade, onde “xarope” se refere à mistura de uma planta com outros ingredientes, e que pode ser levado ou não ao fogo (depende da mistura/finalidade) e “Garrafada” se refere a mistura de partes vegetais com algum componente alcoólico, geralmente vinho, ressaltando que ambas as formas de uso são para a finalidade medicinal. As categorias “Banho” e “Vapor” também estão associadas a conceitos da comunidade e dizem respeito à simpatias e finalidades medicinais.

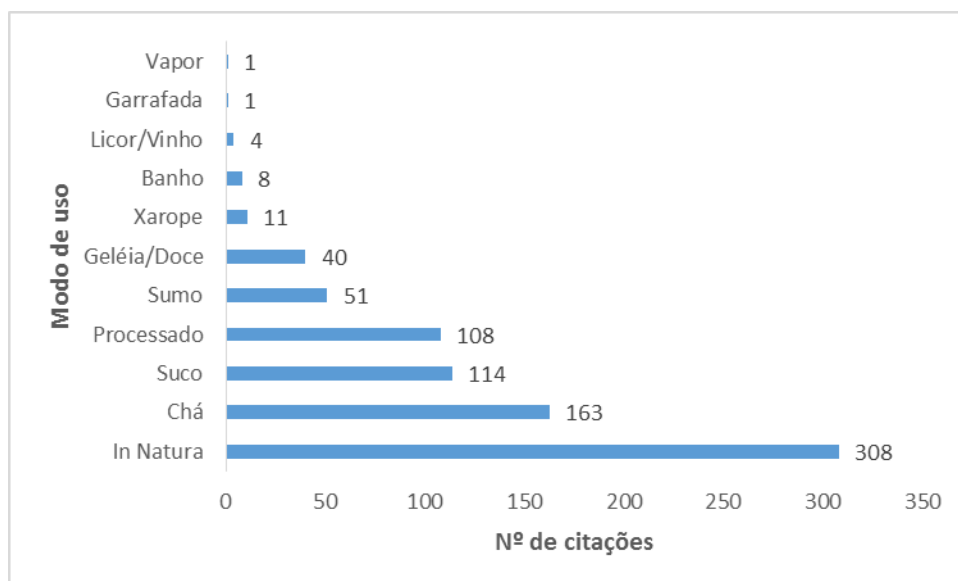


Figura 10: Os diversos usos mencionados para as plantas cultivadas nos quintais de Monte Alegre e os números de citação para cada forma de uso.

4.3 Valores de importância das plantas na comunidade de Monte Alegre

Para uma melhor compreensão do valor importância das espécies de acordo com as respectivas funções citadas pelos habitantes da comunidade quilombola de Monte Alegre foi calculado o “Índice de Saliência Cultural” (IS) e o “Valor de Uso” (VU) a partir das listagens livres obtidas através das entrevistas com os quilombolas. A relação desses dois índices de importância de todas as plantas informadas como úteis pelos quilombolas de Monte Alegre, se encontram na Tabela 3.

O (IS) leva em consideração a ordem e a frequência de citação do vegetal na listagem livre para atribuir-lhe uma importância, enquanto o (VU) se define pelo número de usos informado para uma determinada planta, o que pode superestimar a importância de determinada espécie conhecida e/ou utilizada por apenas um informante e com diversos usos (Silva e Albuquerque 2004; Albuquerque *et al.*, 2006). Diante do exposto, para atribuir importância a uma planta dentro de um domínio cultural é interessante levar em consideração outros aspectos além do número de usos que ela possui (Byg & Basley 2001; Albuquerque *et al.* 2006). Isso justifica a utilização de dois índices de importância para o mesmo conjunto de plantas em um mesmo domínio cultural.

Na tabela 4, pode-se observar as 20 plantas de maior importância segundo o Índice de Saliência Cultural e as 20 plantas mais relevantes segundo o Valor de Uso.

Tanto os índices de saliência quanto os valores de uso foram baixos, sendo que (IS) variou entre 0,001 e 0,483 e o (VU) entre 0,032 e 1,677 (Tabela 3), o que indica que não houve uma grande dominância de espécies citadas nas listagens, tanto nas frequências de citação quanto nas quantidades de usos atribuídos a uma planta específica.

Ferreira (2014) também encontrou baixos valores para (IS) em estudo realizado com erveiros de mercados municipais no estado do Espírito Santo, entre 0,02 e 0,33; Crepaldi (2007) igualmente encontrou baixos (VU) em estudo realizado com quilombolas também no estado do Espírito Santo, entre 0,1 e 1,3.

Os baixos valores de importância encontrados podem sugerir que o saber etnobotânico da comunidade é variado e cada informante apresenta um conjunto próprio de plantas úteis, o que pode indicar que quilombolas também podem ser responsáveis pela formação do conhecimento de plantas úteis no Brasil (CREPALDI, 2007).

Houve semelhança entre na listagem que posiciona as espécies de acordo com o (IS) e o (VU), para as 20 espécies mais importantes e, de acordo com os dois índices, a variação no posicionamento das espécies nas duas listas é pequena e em alguns casos até inexistente (Tabela 4). Essa coincidência confirma o domínio da comunidade quilombola estudada sobre a informação das plantas que cultivam em seus quintais, visto que, dois índices que levam em consideração parâmetros diferentes da obtenção de seus resultados apontaram semelhança no que diz respeito ao grau de importância das plantas utilizadas em Monte Alegre.

Tabela 4: Ranques das 20 plantas mais importantes de acordo com (IS) Saliência Cultural, e das 20 plantas mais importantes de acordo com (VU) Valor de Uso. A cor verde significa que a planta permaneceu na mesma posição em relação à primeira listagem, a cor amarela significa que a planta alterou apenas uma posição com relação à primeira listagem, a cor vermelha significa que alterou 2 ou mais posições com relação à primeira listagem e a ausência de coloração significa que a planta não apareceu na primeira listagem entre as 20 plantas de maiores valor segundo o Índice de Saliência Cultural.

Nome popular	Espécie	Freq (%)	Ranque	Saliência cultural
Manga	Mangifera indica L.	83,9	10,92	0,483
Banana	Musa sp. L.	74,2	9,35	0,427
Laranja	Citrus sinensis (L.) Osbeck	71	10,68	0,384
Goiaba	Psidium guajava L.	54,8	12,12	0,335
Limão	Citrus x limon (L.) Osbeck	54,8	10,24	0,335
Côco	Cocos nucifera L.	61,3	12,11	0,332
Boldo	Plectranthus barbatus Andr.	51,6	12,81	0,268
Abacate	Persea americana Mill.	51,6	12,94	0,257
Mexerica poncan	Citrus reticulata Blanco	41,9	10,38	0,239
Mamão	Carica papaya L.	45,2	14,21	0,221
Cebolinha verde	Allium fistulosum L.	32,3	11,2	0,207
Mandioca	Manihot esculenta Crantz	38,7	11,83	0,2
Saião	Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken	38,7	14	0,195
Macaé	Leonurus sibiricus L.	32,3	13,3	0,179
Cana	Saccharum officinarum L.	32,3	11,7	0,17
Acerola	Malpighia glabra L.	38,7	15,58	0,166
Jaca	Artocarpus heterophyllus Lam.	29	10,56	0,162
Capim cidreira	Cymbopogon citratus (DC.) Stapf	29	13,78	0,152
Couve	Brassica oleracea L.	22,6	11,71	0,149
Arnica	Porophyllum ruderale (Jacq.) Cass.	22,6	11,71	0,146

Nome popular	Valor de Uso
Manga	1,677419
Goiaba	1,258065
Banana	1,225806
Laranja	1,193548
Côco	1,032258
Limão	0,935484
Abacate	0,774194
Mamão	0,741935
Boldo	0,645161
Acerola	0,612903
Mexerica poncan	0,548387
Saião	0,451613
Manjeriço	0,451613
Couve	0,419355
Jaca	0,419355
Graviola	0,387097
Mandioca	0,387097
Maracujá	0,387097
Mexerica casca lisa	0,387097
Arnica	0,354839

4.4 Técnica do empilhamento e escalonamento multidimensional

O diagrama de escalonamento multidimensional corresponde ao agrupamento dos quilombolas pela concordância da maneira como classificam os vegetais. As 20 plantas com maiores valores de importância segundo o IS foram agrupadas, através da técnica do empilhamento de acordo com suas semelhanças, pelos quilombolas de Monte Alegre. A técnica foi aplicada para testar a hipótese de que os quilombolas dessa comunidade classificam as plantas de acordo com sua utilidade, sendo que os resultados obtidos no empilhamento foram avaliados por meio da análise de escalonamento multidimensional para representação visual dos padrões de similaridade entre os objetos de estudo (BORGATTI, 1996).

Pode-se observar a formação de dois grupos, o primeiro formado por espécies que os quilombolas disseram considerar “remédio” caracterizado por saião, boldo,

arnica, macaé e capim cidreira e o segundo grupo, definido por plantas consideradas “alimento”, composto por cana, mamão, acerola, mandioca, côco, goiaba, manga, limão, laranja, banana, abacate, mexerica poncan, jaca, cebolinha verde e couve. O “stress” nas duas dimensões foi de 0,11 (Figura 11) e esse valor significa que a escala multidimensional está apta a ser representada em duas dimensões sem perder a fidelidade da classificação feita pelos informantes.

A MDS confirmou a hipótese de que a comunidade classifica as plantas de acordo com seus usos, visto que a maioria dos informantes as agrupou de maneira semelhante. Tal resultado é um indício de que a comunidade, em geral, possui domínio e concordância a respeito do conhecimento das plantas que utilizam.

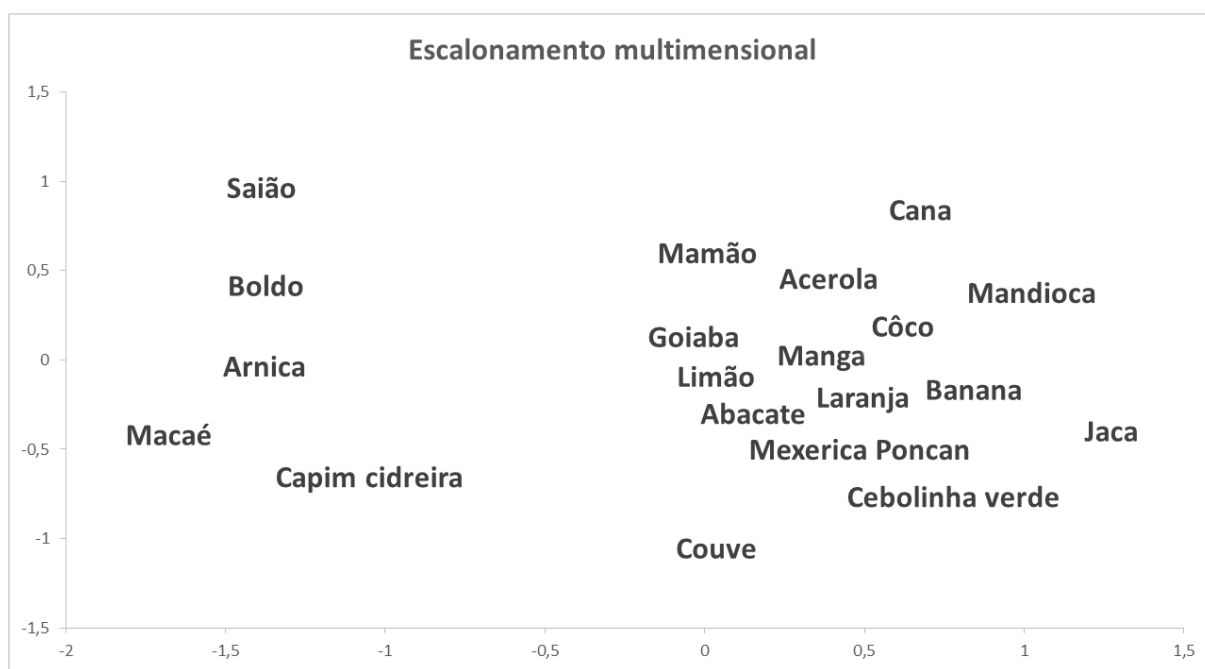


Figura 111: Escalonamento Multidimensional (MDS), resultante da técnica do empilhamento realizada com os quilombolas, representa visualmente como agrupam os vegetais que cultivam. Stress nas duas dimensões: 0,11.

5 CONCLUSÃO

Os informantes mais idosos foram identificados como portadores do maior conhecimento sobre as plantas na comunidade em que vivem. Outros estudos realizados com afrodescendentes também apontam que o conhecimento sobre plantas está concentrado, de modo predominante, nos mais idosos da comunidade. Esse conhecimento corre o risco de desaparecer perante o surgimento de novos veículos de informação aliado ao remoto interesse dos mais jovens por atividades tradicionais e agrícolas.

A realidade econômica da comunidade é de subsistência em grande parte dos lares entrevistados e a maioria destes é sustentada, principalmente, por aposentados. O cultivo em quintais possibilita a independência dos quilombolas de alimentos e medicamentos industrializados e permite a autonomia para escolher o que irão cultivar para consumir. Essa escolha também possibilita o fortalecimento dos aspectos culturais no manejo dos vegetais e a transmissão do conhecimento aos demais membros da família.

A comunidade quilombola cultiva uma grande variedade de plantas em seus quintais e fazem uso desses vegetais para as mais diversas finalidades, sendo que a maior parte dos vegetais cultivados em Monte Alegre são exóticos (67.18%) e alóctones (10.93), o que pode ser explicado pelo cultivo de espécies vegetais alimentícias de valor comercial por 2 moradores da comunidade. O número de espécies exóticas pode também estar relacionado ao fato de a comunidade estar muito próxima a um grande centro urbano, o que favorece o intercâmbio de informações com outros grupos sociais e a aquisição de diferentes tipos de sementes e plantas e pode indicar a influência de diferentes culturas e etnias no conhecimento sobre plantas da comunidade.

Apesar de menos expressiva, a quantidade de espécies nativas mantida nos quintais e relacionadas como úteis, deve ser considerada expressiva (19.53%) e contribui para a manutenção da biodiversidade local, além disso, o cultivo em quintais de variedades que atendem à demanda dos quilombolas, colabora com a preservação dos remanescentes florestais da comunidade e das áreas de preservação no entorno da mesma, sobretudo ao evitar o extrativismo nessas áreas.

As categorias de uso que mais se destacaram foi “Alimentar” e “Medicinal”, com a maioria de suas espécies exclusivas de origem exótica. As partes vegetais mais utilizadas foram: fruto, folha e raiz. Os modos de uso mais mencionados foram: partes vegetais *in natura*, chá e suco. As famílias botânicas mais representativas foram Lamiaceae, Asteraceae e Rutaceae. Apesar de tênue, as manifestações ritualísticas e/ou simpatias estão presentes em alguns lares da comunidade Monte Alegre e o uso de vegetais foi citado para “banhos de descarrego” e proteção da casa.

Quanto aos valores de importância adotados, tanto os índices de saliência quanto os valores de uso foram baixos, apresentando variação entre 0,001 e 0,483 (IS) e 0,032 e 1,677 (VU). Esse resultado aponta que não houve uma grande dominância de espécie consideradas úteis na comunidade, tanto no que diz respeito às frequências de citação quanto nas quantidades de usos atribuídos a uma planta específica. Os valores de importância (IS e VU) encontrados retratam que o conhecimento etnobotânico entre os informantes é difuso, e cada um apresenta um conjunto próprio de plantas úteis.

A semelhança existente entre a listagem que posiciona as espécies de acordo com o (IS) e o (VU) confirma o domínio da comunidade quilombola estudada sobre a informação das plantas que cultivam em seus quintais, visto que, dois índices que levam em consideração parâmetros diferentes para obtenção de seus resultados apontaram semelhança no que diz respeito ao grau de importância das plantas utilizadas pelas famílias de Monte Alegre.

A técnica do empilhamento e MDS evidenciou a formação de dois grupos vegetais, o primeiro formado por espécies que os quilombolas disseram considerar “remédio” formado por saião, boldo, arnica, macaé e capim cidreira enquanto que o segundo por plantas consideradas “alimento” e caracterizado por cana, mamão, acerola, mandioca, côco, goiaba, manga, limão, laranja, banana, abacate, mexerica poncan, jaca, cebolinha verde e couve. Esse agrupamento confirma a hipótese que a comunidade classifica as plantas de acordo com seus usos e indica que a comunidade possui domínio e concordância a respeito do conhecimento das plantas que utilizam.

Estudos sobre o modo de cultivo e manejo de recursos vegetais nos quintais são importantes para implantação de estratégias de conservação da

sóciobiodiversidade. O registro dos conhecimentos dessas comunidades locais, acumulado ao longo do tempo, pode ser de grande importância para servir de base para variadas pesquisas científicas e também para dar subsídios às populações tradicionais na manutenção de seus saberes e defesa de seu território.

.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE & ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, n.3, v.16, p. 273-285. 2002.

ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica: uma aproximação teórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Farmacologia**, v.3, n. 78, p. 60-64. 1997.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Interciência. 2005.

ALBUQUERQUE, U. P. de. Etnobiologia, Sustentabilidade e Florestas tropicais. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; HANAZAKI, N. (coord.) **Etnobiologia e Biodiversidade**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, p.25-38, 2005b. 85p. (Série estudos e Debates).

ALBUQUERQUE, U. P.; Lucena, R. F. P.; MONTEIRO, J. M.; FLORENTINO, A. T. N. ; ALMEIDA, C. F. C. B. R. Evaluating two quantitative ethnobotanical techniques. **Ethnobotany Research & Applications** 4: 51-60. 2006.

ALCORN, J. B. Huastec Mayan ethnobotany. **University of Texas Press**, Austin, Texas. 1984.

ALCORN, J. B. The scope and aims of ethnobotany in a developing world. In: R.E. Schultes & S.V. Reis (eds.). **Ethnobotany**: evolution of a discipline. Cambridge, Timber Press. 1995. p. 23-39.

ALEXIADES, M. N. **Selected guidelines for ethnobotanical research**: a field manual. New York: The New York Botanical Garden Press. 1996.

ALEXIADES, M. N.; SHELDON, J. W. **Ethnobotanical Research**: A Field Manual. New York, The New York Botanical Garden. 1996.

ALMEIDA, C. de F. C. B. R. de; ALBUQUERQUE, U. P. de. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Rev. Interciência**. v. 27, n.6, jun., 2002.

ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Rio Grande do Sul: EDUFRS, 2000. 110p.

AMARAL, C. N. do; GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém Pa, v. 3, n. 3, p.329-341, set./dez. 2008.

AMOROZO & GÉLI, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. **Boletim do Museu Emílio Goeldi**, v.1, n.4, p. 47-131. 1988.

AMOROZO, M. C. M. A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade. In: **Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo**, XIV, Rio Claro: UNESP, 2002. 2 p.

ARAUJO, T. A. de S.; ALBUQUERQUE, U. P. de. **Encontros e desencontros na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**: os desafios do trabalho em campo. Recife: NUPEEA, 2009. 288 p.

BAILEY, K. **Methods of Social Research**. 4th edition. The Free Press, New York, New York, U.S.A. 1994.

BEGOSSI, A. Etnobotânica em comunidades caiçaras. In: FONSECA, V. S.; SILVA, M. I., SÁ, C. F. (Orgs.). **Etnobotânica: bases para a conservação**. EDUR, Rio de Janeiro. p.108-120, 1998.

BERLIN B. **Ethnobiological Classification**: Principles of categorization of Plants and Animals in Traditional Societies. Princeton University Press. USA. 1992. 335 p.

BERNARD, H. R. 1995. **Research Methods in Anthropology. Qualitative and Quantitative Approaches**. 2 nd ed. AltaMira Press, Walnut Creek.

BORGATTI. S. P. **ANTHROPAC 4,0 Methods Guide** Natick, MA: Analytic Technologies. 1996.

BRITO, M. A.; COELHO, M. de F. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais – unidades auto-sustentáveis. **Agricultura Tropical**, v. 4, n. 1, p. 7-35, 2000.

BYG, A. & BALSLEV, H. 2001. Diversity and use of palms in Zahamena, eastern Madagascar. **Biodiversity & Conservation** 10: 951-970.

CONSERVATION INTERNATIONAL DO BRASIL, 2000. **Avaliação e Ações Prioritárias para a Conservação da Biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos**. MMA/SBF, Brasília. 40 p.

CORREA, W. et al. Programa Transdisciplinar para o Desenvolvimento Sustentável da Comunidade Quilombola de Monte Alegre. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 1, n.2. 2007.

CREPALDI, M. O. S. **Etnobotânica na Comunidade Quilombola Cachoeira do Retiro, Santa Leopoldina, Espírito Santo, Brasil**. 2007. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Botânica, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro Escola Nacional de Botânica Tropical, Rio de Janeiro, 2007.

DIEGUES, A. C. S.; ARRUDA, R. S. V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. 4. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, v.4, 2001.176 p.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Sistema brasileiro de classificação de solos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2006. 306 p.

FERREIRA, J. M. **Plantas de uso medicinal e ritualístico comercializadas em mercados e feiras no Norte do Espírito Santo, Brasil**. 2004. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Biodiversidade Tropical, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2014.

FONSECA-KRUEL, V. S. da; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190, mar. 2004.

FORD, R.I. 1978a. Ethnobotany: historical diversity and synthesis. In: R.I. Ford; M. Hodge & W.L. Merrill (eds.). **The nature and status of ethnobotany. Annals of Arnold Arboretum**. Michigan: Museum of Anthropology, University of Michigan. **Anthropological Papers** 67: 33-49.

FORD, R. I. **An ethnobiology source book - the use of plants and animals by American Indians**. Garland Publishing Inc, New York. 1978b.

FRANÇA, N.P. **Conservação e desenvolvimento: o caso dos quilombolas do Campinho da Independência (APA de Cairuçu, Paraty, RJ)**. 2001. São Carlos, Tese de Doutorado da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. 140p. 2001.

FUNDAÇÃO S.O.S MATA ATLÂNTICA (São Paulo) (Org.). **Florestas: A Mata Atlântica**. 2015. Disponível em: <<http://www.sosma.org.br/nossa-causa/a-mata-atlantica/>>. Acesso em: 25 fev. 2015.

FUNDAÇÃO S.O.S. MATA ATLÂNTICA. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) & Instituto Sócioambiental (ISA). **Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais e ecossistemas associados no domínio da Mata Atlântica no período 1985-1990**. 1993. São Paulo.

GALEANO, G. Forest use at the Pacific Coast of Choco, Colômbia: a quantitative approach. **Economic Botany**, v. 3, n. 54, p. 358-376. 2000.

GARLET, T. M. B; IRGANG, B. E. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de plantas medicinais**, v.4, n.1, p. 9-18, 2001.

GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. 653 p.

GOMEZ-BELOZ, A. Plant use knowledge of the Winikina Warao: The case for questionnaires in Ethnobotany. **Economic Botany**, v.3, n.56, p. 231-241. 2002.

GUIMARÃES, R. **Anais I SEESUL - Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia da Região Sul: Aspectos humanos da biodiversidade**. Ed. Agnus, 2003. p. 56-65.
HANAZAKI, N. et al. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, p. 597-615. 2000.

INCAPER. **Sistemas de informações agrometeorológicas**. Disponível em: <http://siag.incaper.es.gov.br/cachodeitap_carac.htm>. Acesso em: 01/2014.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (Brasil) (Org.). **Plano de Manejo da Floresta Nacional de Pacotuba, localizada no Espírito Santo**. I vila Velha, 2011. 188 p. Disponível em:

<http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/Volume_I_Pacotuba_Junho_2011.pdf>. Acesso em: 29 out. 2013.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS - IBAMA, **Corredores Ecológicos - experiências em planejamento e implementação** / Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas. - Brasília: MMA, 2007.

LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P-L. **Medicinas Paralelas**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 11ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. 5ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LÉVI-STRAUSS, C. O uso das plantas silvestres da América do sul tropical. In: **Suma Etnológica Brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South AMERICAN INDIANS - ETNOBIOLOGIA v.1, 2ed. RIBEIRO, B. (coord.), RIBEIRO, D. (Editor et alii), Petrópolis: FINEP/Vozes, p.29-46, 1987. 303 p.

LIMA, J. S. **Uso e conservação de recursos botânicos por comunidades rurais do entorno ao Parque Nacional da Serra de Itabaiana: uma abordagem etnobiológica**. 2010. 207 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Universidade Federal de Sergipe. 2010

LIMA, R. X. **Estudos etnobotânicos em comunidades continentais da área de proteção ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil**. Paraná: UFPR, 1996. 123p. (Dissertação – Mestrado em Botânica). 1996.

LIMA, R. X. et al.. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, Paraná, Brasil. **Etnoecológica IV**(6): p. 33-55. 2000.

LOPES, C. G. R.; FERRAZ, E. M.; ALENCAR, N. L.; SILVA, L. A. Estrutura de tamanho e abundância de populações vegetais com indicação de uso na floresta atlântica de Pernambuco. MOURA, A. do N.; ARAÚJO, E. de L.; ALBUQUERQUE, U. P. de. (orgs) **Biodiversidade, potencial econômico e processos eco-fisiológicos em ecossistemas nordestinos**. Recife: Comunigraf, p.57-78 2008. 362p.

MYERS, N. Florestas tropicais e suas espécies, sumindo, sumindo...? WILSON, E.O. (coord.). **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.36-45, 1997.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação Pp.51- 66. In: M.C.S MINAYO (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes. 1994.

OLIVEIRA, O.M. 1999. **Negros, parentes e herdeiros. Um estudo da reelaboração da identidade étnica na Comunidade de Retiro, Santa Leopoldina – ES**. 1999. Niterói, Dissertação de Mestrado em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, 174p. 1999.

PEZZOPANE, J. E. M. et al. Espacialização da temperatura do ar no Estado do Espírito Santo. **Revista Brasileira de Agrometeorologia**, Santa Maria, v. 12, n. 1, p. 151 - 158, 2004.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v.1 , n. 47, p. 15-32. 1993.

PINTO, E. de P. P; AMOROZO, M. C. de M.; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, [belo Horizonte], v. 4, n. 20, p.751-762, abr. 2006.

POSEY, D.A. Introdução: Etnobiologia: Teoria e Prática. In: RIBEIRO, D. (Ed), RIBEIRO, B. (coord.). **Suma Etnológica Brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis: FINEP/Vozes, v.1, 2ed., Etnobiologia, p. 15-25, 1987. 303p.

PRANCE, G. T. Etnobotânica de algumas tribos amazônicas. In: In: RIBEIRO, D. (Ed), RIBEIRO, B. (coord.). **Suma Etnológica Brasileira**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. Petrópolis: FINEP/Vozes, v.1, 2ed., Etnobiologia, p. 119-133, 1987. 303p.

PROJETO CORREDORES ECOLÓGICOS. **Síntese dos encontros regionais realizados com os municípios do estado do Espírito Santo**. Cariacica: Projeto Corredores Ecológicos, 2005. 52 p.

QUEIROZ, R da S. Essa Terra é santa, Essa terra é nossa. In: **Quilombos em São Paulo: tradições, direitos e lutas**. São Paulo: IMESP. p.103-116. 1997.

QUINLAN, M. Considerations for collecting Freelists in the Field: Examples from Ethnobotany. **Field Methods** 17: 1-16. 2005

QUINTEIRO, M. M. da C. et al. Inventory and Implications of Plant Use for Environmental Conservation in Visconde de Mauá, Serra da Mantiqueira, Brazil. **Ethnobotany Research & Applications**. [fort Worth], p. 27-47. jan. 2015. Disponível em: <<http://journals.sfu.ca/era/index.php/era/article/view/1069>>. Acesso em: 02 fev. 2015.

REIS, A.; FANTINI, A. C.; REIS, M. S. Aspectos sobre a conservação de biodiversidade e o manejo da floresta tropical Atlântica. **Revista do Instituto Florestal de São Paulo**, São Paulo, SP, v.4, n.1, p.69-173, mar. 1992.

SANTOS, M. R. A. dos; LIMA, M. R. de; FERREIA, M. das G. R. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Horticultura brasileira**. v. 26, n. 2, abr.-jun. 2008.

SCHIMITT, C. O que é que tem lá no quintal? **Revista Agroecologia & Agricultura Familiar**. Publicação da Rede Ecovida de Agroecologia. Ano VI, Nº 5 setembro 2003, p. 40

SCHULTES, R.E.; REIS, S.V. (Eds.). **Ethnobotny: evolution of a discipline**. Cambridge, Timber Press. 1995.

SILVA, A. J. da R.; ANDRADE, L. de H. C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral – Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. v. 19, n.1, jan-mar. 2005.

SILVA, V.A. & Albuquerque, U.P. 2004. Técnicas para análise de dados etnobotânicos. Pp. 63-88. In: Albuquerque, U.P. & Lucena, R.F.P. (Eds.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife, NUPEEA.

SMITH, J. J. 1993. Using ANTHROPAC 3.5 and a spreadsheet to compute a free-list salience index. **Cultural Anthropology Methods** 9(3): 8-12.

SUTROP, U. List Task and a Cognitive Salience Index. **Field Methods**, v.3, n.13,p 263-276. 2001.

TOLEDO, V. M. Ethnoecology: a conceptual framework for the study of indigenous knowledge of nature. In: STEPP, J. R. *et al.* (Eds.) **Ethnobiology and Biocultural Diversity**. International Society of Ethnobiology, Georgia, USA, p. 511-522, 2002.

TOLEDO, V. M. Biodiversity and Indigenous Peoples. In: LEVIN, Simon A. *et al* (Ed.). **Encyclopedia of Biodiversity**.[s.l]: Elsevier, 2001. p. 451-463. Tradução: Professor Antonio Diegues.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Parana, n. 20, p.31-45, 2009. Semestral.

TROTTER, R. T.; LOGAN, M. H. Informant consensus: a new approach for identifying potentially effective medicinal plants. Pp. 91-112. In: N.L. Etkin (ed.). **Plants in indigenous medicine and diet: biobehavioral approaches**. New York, Redgrave Publishing C. 1986.

VELOSO, H. P.; RANGEL FILHO, A. L. R.; LIMA, J. C. A. **Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal**. Rio de Janeiro: IBGE, 1991. 123 p.

WILSON, E. O. **Diversidade da Vida**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário Socioeconômico, utilizado com os habitantes de Monte Alegre.

Nome: _____ Data: ____/____/____. N: _____

Questionário socioeconômico.

1) Dados referentes ao entrevistado/a:

Onde nasceu?

Data de nascimento

Há quanto tempo reside nesta comunidade?

Há quanto tempo reside neste lugar (terreno/casa)?

Caracterização do grupo doméstico:

Primeiro Nome	Relação com o entrevistado	Sexo	Idade	Lugar de nascimento	Série ensino concluída	Estuda atualmente?	Ocupação Principal	Observações

1) De quais atividades é proveniente a renda da família? Especificar quais são realizadas por homens e quais são realizadas por mulheres.

2) Quem são os responsáveis pelo sustento da família? Qual a escolaridade dos responsáveis pelo sustento da família?

3) Quem mais, além dos responsáveis, contribui no sustento da família? O que fazem?

4) Os jovens e crianças da casa estão na escola? Por que?

5) Vocês têm planos de permanecer na comunidade?

6) Os jovens e crianças da casa, tem interesse em permanecer na comunidade durante a vida adulta? Por que?

7) Trabalham com outras pessoas que não moram nesta casa/sítio? Quem são? Vínculos com essas pessoas (parentesco, amizade, vizinhança, conhecidos, outros...)

8) Como são os acordos ou contratos pelos trabalhos?

Observações:

APÊNDICE B – Questionário referente ao cultivo de plantas em Monte Alegre.

Nome do entrevistado: _____ Data: __/__/__

Número ref. Ao quest. Socioeconômico: _____.

Questionário referente ao cultivo nos quintais.

1) Há quanto tempo são cultivadas plantas nesse quintal?

R: _____

2) Qual o tamanho do quintal?

R: _____

3) Quais são os limites do seu quintal? O que define esses limites?

R: _____

4) Quem cuida? Quem é o principal responsável pelos cuidados com o quintal?

R: _____

5) Quais os cuidados exige o seu quintal? Há diferenças nesses cuidados ao longo do ano?

R: _____

6) O que vocês fazem no quintal? (O quintal é utilizado para quê além do cultivo de plantas?)

R: _____

7) Qual a importância e as vantagens de se cultivar nos quintais?

R: _____

8) De onde vem seus conhecimentos sobre as plantas cultivadas?

R: _____

9) Explique a ocorrência ou não de plantas medicinais no quintal.

R: _____

10) Qual a origem das plantas cultivadas no quintal? (Como adquiriu a muda, através de quem)

R: _____

11)Você já preparou mudas para outras pessoas? Que tipo de pessoas?
(Vizinhos? Parentes distantes? Visitantes e turistas na comunidade?)

R: _____

12)As plantas do quintal são utilizadas em algum tratamento medicinal? Com que frequência?

R: _____

13)As plantas do quintal são utilizadas para algum evento religioso? Com que frequência?

R: _____

14)As plantas do quintal são utilizadas por alguma crença (sorte, proteção)?
Com que frequência?

R: _____

15)As plantas do quintal são utilizadas para alimentação? (Incluir sucos, temperos...)

Com que frequência? _____

Obs.:_____

16)As plantas do quintal são utilizadas para fins estéticos?

Com que frequência? _____

Obs.:_____

17)Ocorre venda dos produtos? Geralmente quais?

18)Ocorre doação? Geralmente quais?

19)Ocorre troca? Geralmente quais?

20)Quando você precisa de alguma planta que não possui em seu quintal, como obtém?

Observações:

